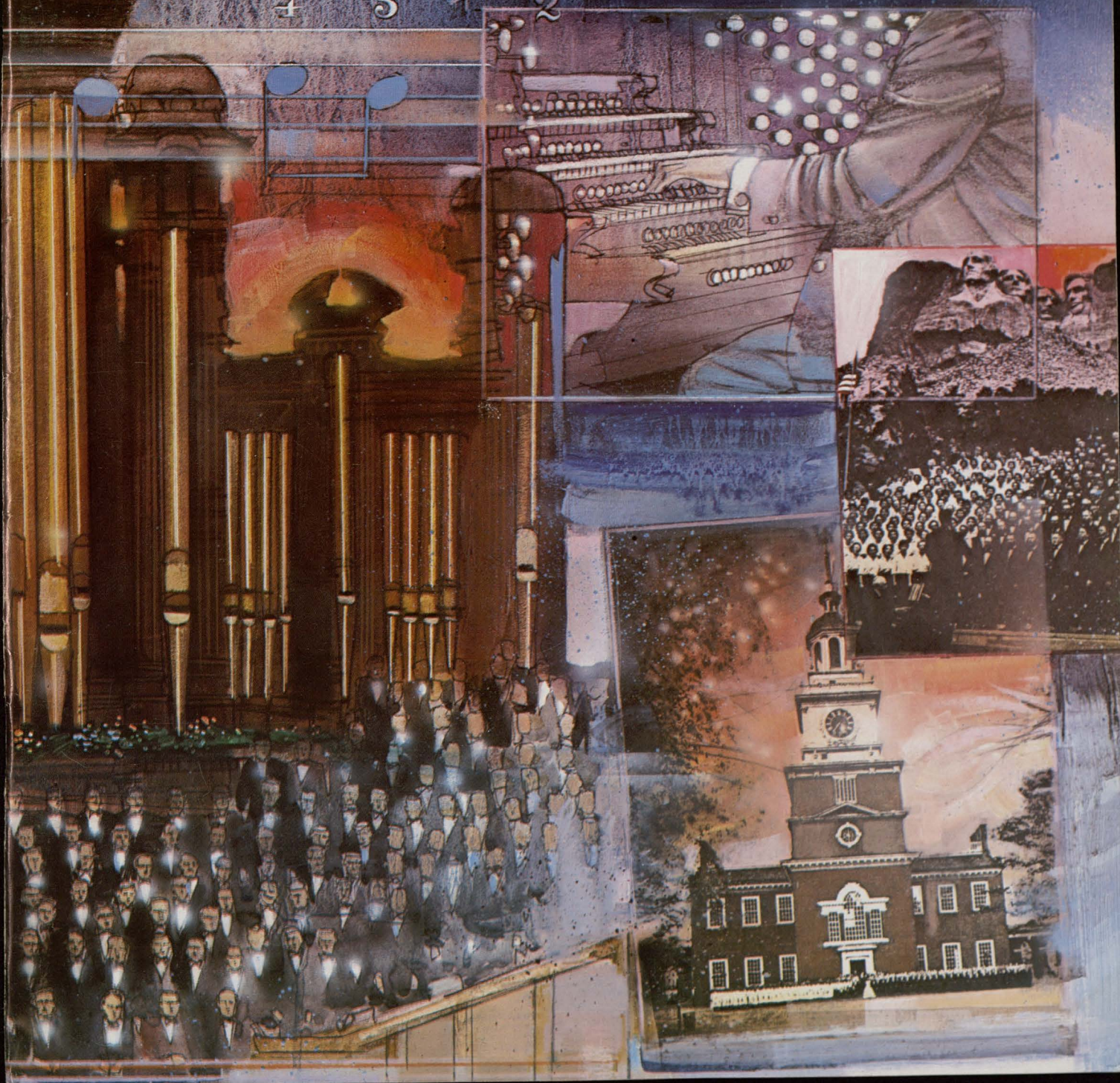
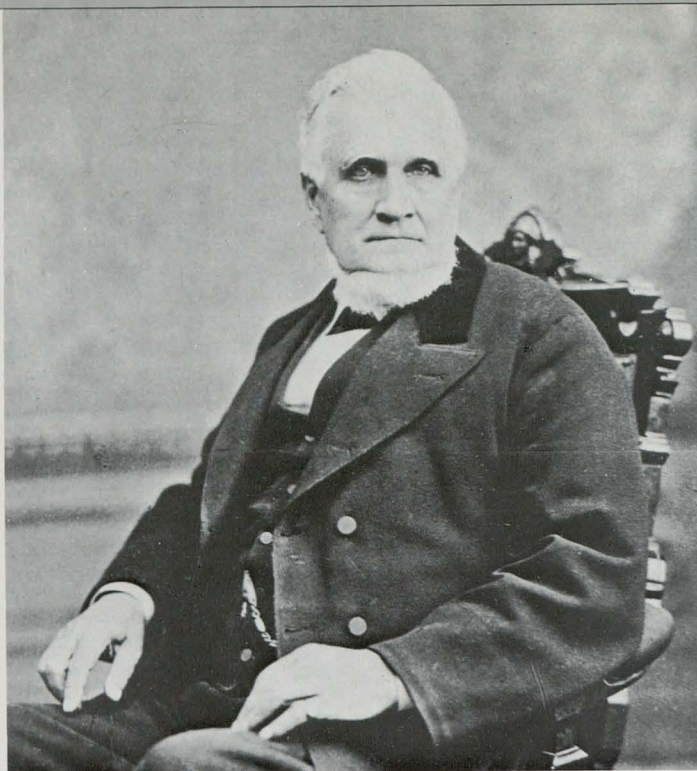


A LIAHONA

AGOSTO / SETEMBRO 1986

4 3 # 2





OS PROFETAS FALAM

JOHN TAYLOR FALA SOBRE REVELAÇÃO

Acreditamos ser necessário que o homem seja posto em comunicação com Deus; que deve receber revelação direta dele, e que, a menos que seja colocado sob a influência da inspiração do Espírito Santo, ele não pode saber nada a respeito das coisas de Deus.

Não me importa quanto um homem possa ser instruído, ou quanto possa ter viajado. Não me importa qual seja seu talento, intelecto ou capacidade, em que universidade estudou, a abrangência de suas opiniões ou qual seja o seu discernimento em relação a outros assuntos, sem o Espírito de Deus, ele não consegue entender certas coisas; e isto nos leva ao princípio (da) necessidade de revelação. Não à revelação dos tempos antigos, mas à revelação atual e imediata, que conduzirá e orientará todos aqueles que a possuem em todos os caminhos da vida aqui, e para a vida eterna, no futuro.

Muitas pessoas, incluindo aqueles

que se dizem cristãos, escarnecerão bastante da idéia de revelação atual. Quem já ouviu falar de religião verdadeira sem comunicação com Deus? Para mim é a coisa mais absurda que a mente humana poderia conceber. Não me admira que as pessoas geralmente rejeitem o princípio da revelação atual, que o ceticismo e a infidelidade dominem de maneira tão alarmante. Não me admira que tantos homens tratem a religião com desdém e a encarem como coisa que não é digna da atenção de seres inteligentes, pois, sem revelação, a religião é um arremedo e uma farsa.

Se não houver uma religião que me leve a Deus e que me coloque em sintonia com ele, e que revele à minha mente os princípios da imortalidade e vida eterna, não quero ter nada a ver com ela.

O princípio da revelação atual, então, é o próprio alicerce de nossa religião. O mundo cristão rejeita isso e diz que a Bíblia é o bastante.

Lembro-me, nos dias de minha juventude, de haver pesquisado seu conteúdo muito diligentemente. É um livro glorioso para se estudar, e o recomendo honestamente à atenção de nossos jovens, e também aos mais maduros. “Examinai as escrituras”, foi o mandamento de Jesus, “porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam”. (João 5:39.)

Eu não estudaria apenas as escrituras que temos agora, mas examinaria todas as revelações que Deus fez, faz ou fará para a orientação e diretriz de seu povo, e então reverenciaria aquele que as deu, e também aqueles que ele usa como seus honrados instrumentos para promulgar e tornar conhecidos esses princípios; e procuraria ser dirigido pelos princípios contidos nessas palavras sagradas. ■

*De Journal of Discourses, 16:373-376,
1º de fevereiro de 1874.*

A LIAHONA

Agosto/Setembro de 1986
Volume 39 - N.º 6
PBMA0482PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos
Últimos Dias, apresentando matérias das
revistas ENSIGN, NEW ERA e
FRIEND.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley,
Thomas S. Monson.

Conselho dos Doze:
Marion G. Romney, Howard W. Hunter,
Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton,
L. Tom Perry, David B. Haight,
James E. Faust, Neal A. Maxwell,
Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks,
M. Russell Ballard.

Comitê de Supervisão:
Carlos E. Asay, Rex D. Pinegar,
George P. Lee, James M. Paramore.

Editor: Carlos E. Asay

International Magazines:
Editor Gerente: Larry A. Hiller

Editor Associado: David Mitchell

Seção Infantil: Diane Brinckman

Desenhista: Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen

Diretor de Distribuição:
Thomas L. Peterson

A Liahona:

Diretor Responsável: José Maria Carleto

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais:
Flávia G. Erbolato

Produção Gráfica:
Elias Nelson Munhoz Dias

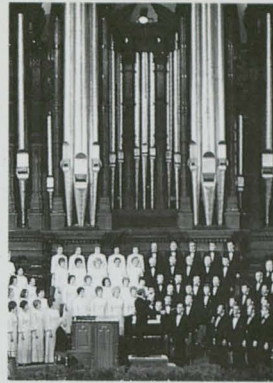
Assinaturas: Victor Hugo da C. Pires

Capa: O mundialmente conhecido Coro
do Tabernáculo. Montagem de Larry
Winborg.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE
CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob
n.º 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre
assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de
Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da
assinatura anual para o Brasil: Cz\$ 20,00; para Portugal
— Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida
Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura
Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea,
US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: Cz\$ 2,50.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas
indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente
de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.
Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do
"International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos
Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número
93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras
de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857, de
9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob
outros títulos, também em alemão, chinês, coreano,
dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês,
inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e
tonganês. Composição: HOMART Fotocomposição e
Artes Gráficas Ltda. - Av. Paulista, 900 - 6.º andar - Fone:
289-7279 - Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua
Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim
da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida
por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar
somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante,
serão bem-vindas as colaborações para apreciação da
redação e da equipe internacional do "International
Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos
correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato,
2.430 - Telefone (011) 814-2277.

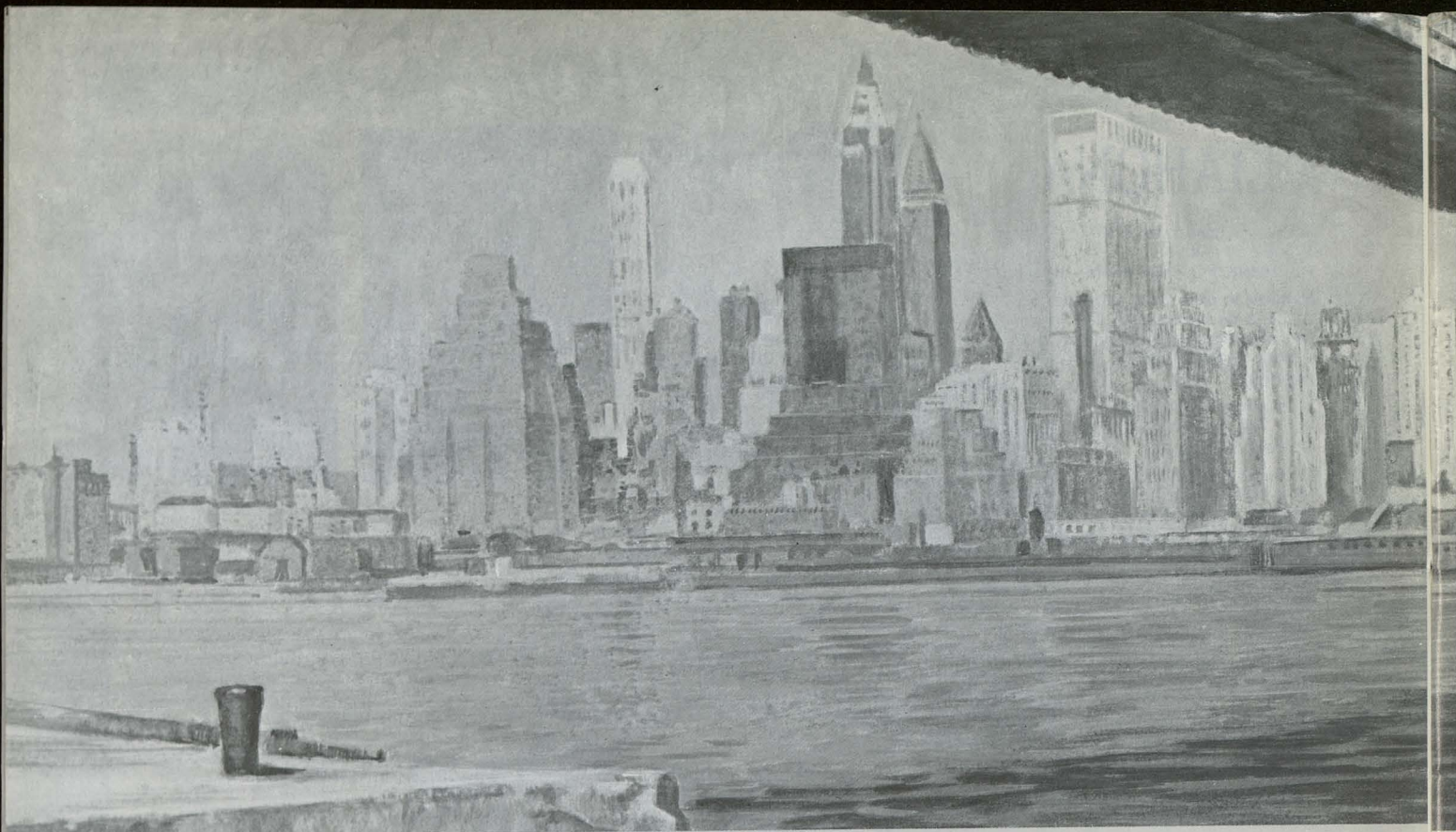


ÍNDICE

	Os Profetas Falam: John Taylor Fala sobre Revelação <i>Primeira contracapa</i>
2	Mensagem da Primeira Presidência: Convite à Exaltação Presidente Thomas S. Monson
10	Arrependimento: Limpar Nossas Vestes Espirituais Phillip A. Snyder
14	Elevar a Qualidade de Vida: O Instituto Ezra Taft Benson Jan U. Pinborough
19	Depois de Quatrocentos Nomes... Jon B. Fish
20	Os Últimos Quinhentos Metros Melvin Leavitt
22	Hino: Ide, Ó Santos, para os Templos
23	O Coro do Tabernáculo: 300 Testemunhos em Harmonia Janet Peterson
28	Banyan Dadson: Encontrar o Evangelho em Gana Laurie W. Sowby
30	Não Pude Encontrar uma Boa Desculpa Walter Swan
32	Confiança no Senhor Élder Gene R. Cook
37	Conforto de além do Véu Owen C. Bennion
38	O Casamento e a Lei da Colheita Lawrence M. Barry

SEÇÃO INFANTIL:

1	George Frederick Händell Mary L. Derr
3	Música: Quero Ser um Missionário Agora Grietje Rowley
4	O Velho Bandolim Wendy F. Kanno
6	Mórmon e o Livro de Mórmon Élder Mark E. Petersen
8	Só para Divertir: Encontre as Placas de Ouro Jason Smallcanyon



MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

UM CONVITE À EXALTAÇÃO

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Em toda parte, as pessoas estão com pressa. Aviões a jato transportam suas preciosas cargas humanas por enormes continentes e vastos oceanos. Compromissos têm de ser cumpridos, atrações turísticas chamam a atenção, amigos e familiares esperam a chegada de determinado vôo. Modernas rodovias com pistas múltiplas dão vazão a milhões de automóveis ocupados por milhões de pessoas, numa corrente que parece não ter fim desde a manhã até o entardecer, de leste a oeste, de norte a sul.

Esse fluxo agitado de seres humanos em algum momento chega a parar? Será que esse confuso ritmo de vida chega a parar por

Esse fluxo agitado de seres humanos, hoje em algum momento chega a parar para alguns momentos de meditação ou de pensamentos dirigidos às verdades eternas?

alguns momentos de meditação, ou de pensamentos dirigidos às verdades eternas?

Comparadas às verdades eternas, as questões da vida diária são realmente um tanto triviais. O que vamos ter para o jantar? Há um bom filme em exibição nesta noite?

Você viu a programação da televisão? Aonde iremos no sábado? Essas perguntas provam ser insignificantes nos momentos de crise, quando os entes queridos estão feridos, quando a dor invade uma casa em que há boa saúde, ou quando a própria vida parece estar chegando ao fim, talvez prematuramente. Nessas ocasiões, a verdade e os pormenores triviais da vida logo se separam. A alma do homem se eleva em direção aos céus, buscando uma resposta divina para as maiores perguntas da vida: *De onde viemos? Por que estamos aqui? Para onde vamos, depois que partimos desta vida?* As respostas para estas perguntas não se descobrem dentro das capas dos



livros de faculdade, nem com um telefonema para o serviço de informações, nem jogando uma moeda, ou pela seleção casual de respostas de múltipla escolha. Essas perguntas transcendem a mortalidade, elas abrangem a eternidade.

“Antes que Te Formasse...”
(Jeremias 1:5.)

De onde viemos? Todos os pais ou avós pensam inevitavelmente nessa pergunta, mesmo que não a exteriorizem, quando um bebezinho dá seu primeiro vagido. Maravilhamo-nos com a criança perfeitamente formada. Os pequenos pés, os delicados dedinhos, a bela cabeça, para não falar dos ocultos, mas maravilhosos, sistemas circulatório, digestivo e nervoso, tudo testifica do Criador divino.

A palavra do Senhor veio ao Profeta Jeremias: “Antes que te formasse... te conheci; e antes que saíesses da madre te santifiquei: às nações te dei por profeta.” (Jeremias 1:5.) Esta afirmação tão direta feita a um ser humano é certamente um exemplo daquilo que

poderia ser dito a cada um de nós.

O Apóstolo Paulo disse aos atenienses, no Areópago, que somos “a geração de Deus”. (Atos 17:29.) Uma vez que sabemos que nosso corpo físico é geração de nossos pais mortais, temos que considerar cuidadosamente o significado da declaração de Paulo. O Senhor declarou que “o espírito e o corpo são a alma do homem”. (D&C 88:15.) É o espírito que é a geração de Deus. O autor de Hebreus referiu-se a ele como “Pai dos espíritos”. (Hebreus 12:9.) O próprio Deus é uma alma composta de um espírito e um corpo de carne e ossos, tão tangível quanto o do homem. Ele é um ser ressurreto, glorificado, exaltado, onisciente e onipotente, e onipresente em espírito, poder e influência, que governa os céus e a terra e tudo o que neles existe. Os espíritos de todos os homens são literalmente “filhos e filhas gerados para Deus”. (D&C 76:24.)

O Apóstolo João, citando as palavras do Salvador, registra um pensamento significativo referente à vida pré-mortal: “Que seria, pois, se visseis subir o Filho do homem para onde primeiro estava?” (João 6:62.)

E novamente: “Ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu.” (João 3:13.)

No que diz respeito à aparência física, Jesus se parece com cada um de nós. Fez-se freqüentemente a pergunta: “Não é este o filho do carpinteiro?” (Mateus 13:55.) Mesmo no final de seu ministério mortal, Jesus teve que ser identificado pelo traidor Judas, porque aqueles que queriam fazer-lhe mal não conseguiam distinguir o Mestre de seus companheiros. Uma vez que fomos criados à imagem de Deus, por que é tão difícil compreender nossa vida pré-mortal, quando a de Jesus é tão claramente ensinada?

Também fora das escrituras notamos que poetas inspirados, para nosso estudo do assunto, deixaram-nos mensagens tocantes e registraram pensamentos transcendentais.

O poeta inglês William Wordsworth expressa a verdade, quando diz:

*Nosso nascimento não é senão sono e esquecimento;
A Alma que surge conosco, a
Estrela de nossa vida,*



Os anos de formação de uma criança deveriam ser usados para edificar uma vida firmemente alicerçada no evangelho.

*Teve — nalgum outro lugar sua morada,
E veio de muito longe!
Não em total esquecimento,
E nem em completa nudez,
Mas seguindo nuvens de glória,
procedemos
De Deus, que é nosso lar!
O céu está ao nosso redor na infância!*
(“Ode on Intimations of Immortality from Recollections of Early Childhood.”)

Outro escritor descreve a criança recém-nascida como “um doce jovem botão de flor humano, recém brotado da própria casa de Deus para florescer aqui na terra”.

Os pais, contemplando um bebezinho ou tomando pela mão uma criança em fase de crescimento, pensam em sua responsabilidade de ensinar, inspirar, e dar orientação, liderança e exemplo. Enquanto os

pais ponderam, as crianças, e particularmente os jovens, fazem a pergunta profunda: “Por que estamos aqui?” Geralmente, é feita em silêncio no fundo da alma e exteriorizada desta forma: “Por que eu estou aqui?”

“Na Casa de Meu Pai...”
(Ver João 14:2.)

Quão gratos devemos ser pelo fato de um criador sábio haver criado a terra e nos colocado aqui, esquecidos de nossa existência anterior, para que pudéssemos passar por um período de provação, ter oportunidade de sermos provados e de nos qualificarmos para tudo o que Deus preparou para nós.

Está claro que os propósitos primordiais de nossa existência aqui na terra são obter um corpo de carne e ossos e ganhar a experiência que só é possível pela separação de nossos pais celestiais. Em milhares de sentidos, temos o privilégio de escolher por nós mesmos. Aqui aprendemos, pela experiência, a discernir o bem do mal. Aprendemos a distinguir o amargo do doce. Aprendemos que nossas decisões determinam nosso destino.

Enquanto Paulo ensina aos filipenses que o homem é exortado a “opera(r) a (sua) salvação com temor e tremor” (Filipenses 2:12), o Mestre deixou-nos uma orientação que conhecemos como a Regra de Ouro: “Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós.” (Mateus 7:12.)

Pela obediência aos mandamentos de Deus, podemos nos qualificar para aquela “morada” da qual Jesus falou, ao declarar: “Na casa de meu Pai há muitas moradas...vou preparar-vos lugar, ...para que, onde eu estiver, estejais vós também.” (João 14:2-3.)

Ao contemplar metas de tão longo alcance, refletimos a respeito da fragilidade de uma criança recém-nascida. Não se pode achar um exemplo melhor de dependência total. Ela necessita de nutrição para o corpo e de amor para a alma. A mãe provê os dois. Ela que, de mãos dadas com Deus, desceu ao

“vale da sombra da morte” (Salmo 23:4), para que vós e eu pudéssemos ter vida, não é por ele abandonada em sua missão maternal. Filhos preciosos são bem-vindos em famílias ansiosas.

“*Vivem em Cristo*”
(Ver Morôni 8:12.)

Há muito tempo, Mórmon, o profeta, aconselhou seu filho Morôni a pregar “arrepentimento e batismo aos que são responsáveis e capazes de cometer pecados; sim, ensina aos pais que devem arrepender-se e ser batizados; e tornar-se humildes como as suas criancinhas, e serão salvos com seus pequeninos.

E seus filhos pequenos não necessitam de arrependimento nem de batismo. E eis que o batismo é para o arrependimento, a fim de que se cumpram os mandamentos para a remissão dos pecados.

Mas as criancinhas vivem em Cristo.” (Morôni 8:10-12.)

O Senhor proveu um período privilegiado do nascimento aos oito anos, quando se atinge a idade da responsabilidade e o batismo é requerido.

Diz o Dr. Glenn Doman, um conhecido autor norte-americano: “A criança recém-nascida é quase uma duplicata exata de um computador vazio, embora lhe seja superior em quase todos os sentidos... O que é colocado no cérebro da criança durante os oito primeiros anos de vida provavelmente ali ficará.” (*How to Teach Your Baby to Read*, Philadelphia: The Better Baby Press, 1979, pp. 43, 45.)

Os anos de formação de uma criança deveriam ser usados para edificar uma vida firmemente alicerçada no evangelho. Edifiquem esse alicerce para a eternidade, e ele suportará as tempestades e provações da mortalidade.

Os pais poderiam muito bem perguntar: “Que lições vamos ensinar?” “Que verdades são de maiores conseqüências?” A fé é o primeiro princípio a ser ensinado a nossos preciosos filhos — uma fé permanente em Deus, nosso Pai

Eterno, e em Jesus Cristo. Paulo escreveu aos hebreus: “Porque também a nós foram pregadas as boas-novas, como a eles, mas a palavra da pregação nada lhes aproveitou, porquanto não estava misturada com a fé naqueles que a ouviram.” (Hebreus 4:2.)

Há vários anos, os jornais da Cidade do Lago Salgado publicaram a notícia do óbito de uma de minhas boas amigas — uma esposa e mãe levada pela morte no apogeu da vida. Comparei ao funeral e me juntei a um grande número de pessoas reunidas para expressar condolências ao desolado marido e aos filhos órfãos de mãe.

Repentinamente, Kelly, a filha mais nova, me reconheceu e tomou minha mão na sua. — Venha comigo — disse, levando-me ao ataúde de sua amada mãe. “Não estou chorando, Irmão Monson, e o senhor também não deve chorar. Mamãe me falou muitas vezes a respeito da morte e da vida com o Pai Celestial. Pertença à mamãe e ao papai. Nós voltaremos a estar todos juntos.

Com os olhos marejados de lágrimas reconheci um sorriso belo e cheio de fé. Para minha jovem amiguinha, cuja pequenina mão apertava a minha, nunca haveria um amanhecer sem esperança. Apoiada por seu testemunho inabalável, sabendo que a vida continua além do túmulo, ela, seu pai, seus irmãos e irmãs, e na verdade todos aqueles que têm o mesmo conhecimento da verdade divina, podem declarar ao mundo: “O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã.” (Salmo 30:5.)

Além do ensino e da aprendizagem da fé, salientamos o princípio do arrependimento.

“Vinde e convertei-vos de todas as vossas transgressões, e a iniquidade não vos servirá de tropeço” (Ezequiel 18:30), declarou Ezequiel nos tempos antigos. Seu apelo era dirigido às pessoas de todos os lugares e todos os tempos, a fim de que parassem de cometer erros e passassem a viver em retidão.

A seguir, ouvimos o conselho do Senhor a Nicodemos: “Aquele que não nascer da água e do Espírito,

não pode entrar no reino de Deus.” (João 3:5.) Vemos o exemplo do Senhor, Jesus Cristo, deixando-se batizar por João no Rio Jordão. Seguimos a trilha que ele demarcou.

Sabemos da necessidade da imposição das mãos por parte de quem tem autoridade para podermos receber o Espírito Santo. Como Lucas registrou a respeito da obra missionária de Filipe, em Samaria: “Os apóstolos, pois, que estavam em Jerusalém, ouvindo que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João”, que “lhes impuseram as mãos, e receberam o Espírito Santo”. (Atos 8:14-17.)

A organização mais capacitada a ensinar esses princípios vitais é a família, e o lugar em que podem ser aprendidos com maior eficiência é no lar.

O Que É um Lar?

*Um teto para aparar a chuva;
quatro paredes para desviar o
vento;*

*Um chão para afastar o frio; Sim,
mas um lar é mais que isso:
É um riso de bebê, o canto da mãe,
a força do pai,*

*O calor de corações amantes, o
brilho de olhos felizes, bondade,
lealdade, companheirismo.*

*O lar é a primeira escola e a igreja
dos pequeninos,
Onde aprendem o que é certo, o que
é bom e amável;*

*Aonde vão em busca de conforto,
quando feridos ou doentes;
Onde a alegria é compartilhada e o
pesar aliviado;*

*Onde pai e mãe são respeitados e
amados;*

*Onde os filhos são desejados;
Onde dinheiro é menos importante
que a ternura.*

*Isto é um lar. Que Deus o abençoe.
(Madame Ernestine Schumann-
-Heink.)*

A vida segue seu curso. A juventude segue a infância, a maturidade chega tão sorrateira, que mal a percebemos. Pela experiência, aprendemos a necessidade de ajuda dos céus em nossa jornada pela

trilha da mortalidade.

Apreciamos muito este inspirado pensamento:

*Deus é um Pai;
O homem é um irmão.
A vida é uma missão
E não uma carreira.*

(Élder Stephen L. Richards.)

Deus, nosso Pai, e Jesus Cristo, nosso Senhor, mostraram o caminho para a perfeição. Eles nos admoestam a seguir as verdades eternas e a nos tornarmos perfeitos, como eles são perfeitos. (Mateus 5:48; 3 Néfi 12:48.) Lembramo-nos do doutor da lei que perguntou: “Mestre, qual é o grande mandamento na lei?

E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.

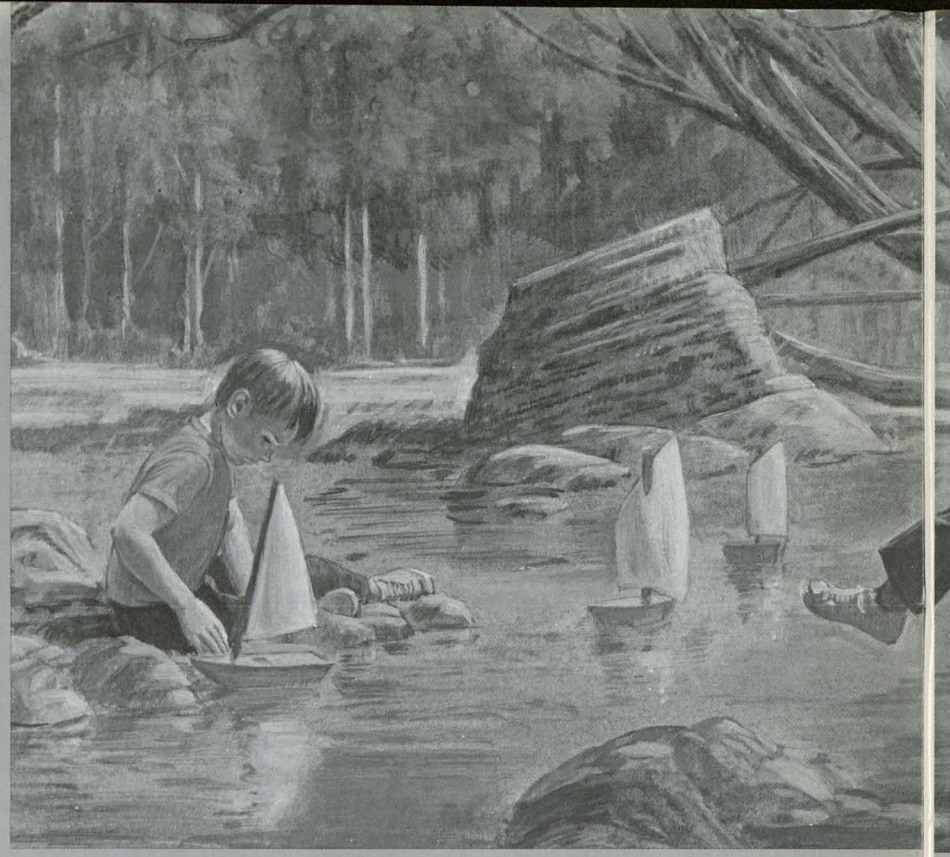
Este é o primeiro e grande mandamento.

E o segundo semelhante a este, é: Amarás a teu próximo como a ti mesmo.” (Mateus 22:36-39.)

Paulo, o apóstolo, comparou a vida a uma corrida com metas claramente definidas. Aos santos de Corinto, ele declarou: “Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis.” (I Coríntios 9:24.)

Perseverar até o Fim

No empenho de vencer, não



deixemos passar o sábio conselho de Eclesiastes: “... não é dos ligeiros a carreira, nem dos valentes a peleja...” (Eclesiastes 9:11.) Na realidade, o prêmio pertence àquele que persevera até o fim.

Quando penso a respeito da corrida da vida, lembro-me de outra corrida, acontecida em minha infância. Quando tinha aproximadamente dez anos, meus amigos e eu esculpimos com canivetes, pequenos botes de brinquedo com a macia madeira de um salgueiro. Com uma vela triangular de algodão, cada um lançou seu barco numa corrida nas águas relativamente turbulentas do Rio Provo. Nós corríamos pela margem observando os barquinhos, às vezes violentamente sacudidos pela corrente, outras flutuando serenamente em águas mais profundas.

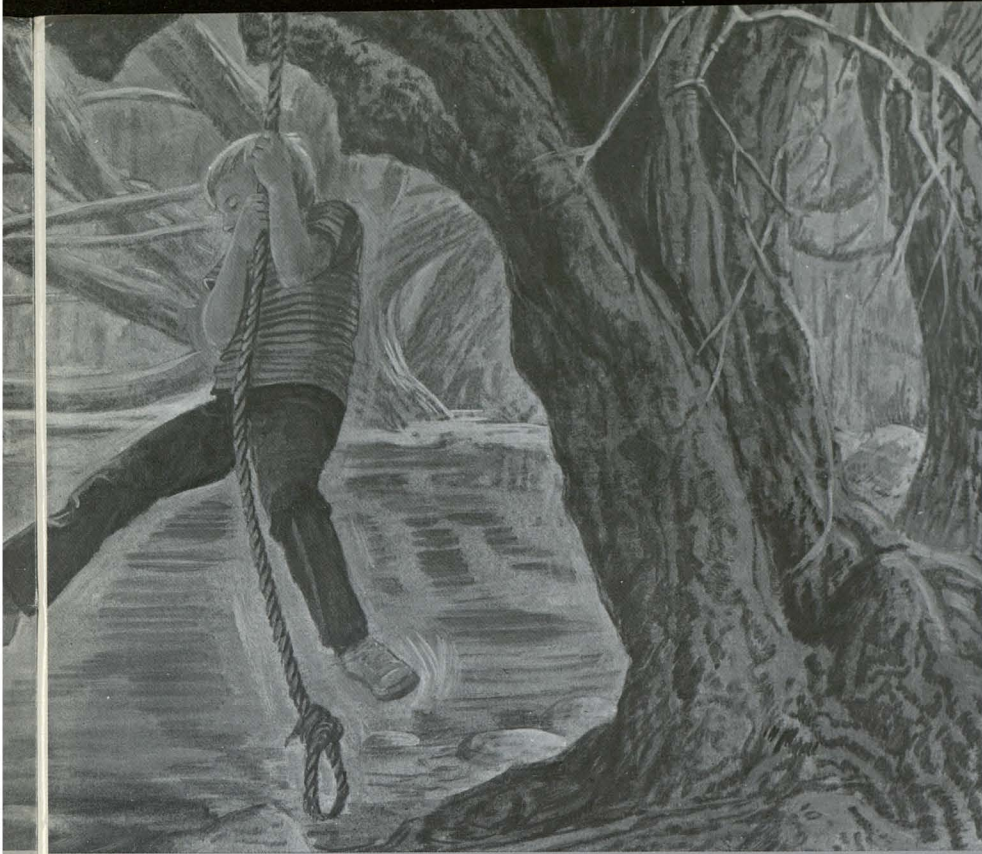
Durante uma dessas corridas, notamos que o que liderava todos os outros à linha de chegada, subitamente foi carregado pela correnteza para dentro de um grande redemoinho. O barquinho adernou e virou, ficando a girar e

girar, sem poder voltar à corrente principal. Finalmente, foi parar na orla do redemoinho, no meio de outros despojos, presos pela vegetação rasteira.

Os barcos de brinquedo de minha infância não tinham quilha para estabilizá-los, leme para guiá-los, nem fonte de força. Inevitavelmente, seu destino era rio abaixo — a trilha de menor resistência.

Ao contrário dos barcos de brinquedo, fomos abençoados com atributos divinos que têm por finalidade guiar-nos ao nosso destino. Não viemos à mortalidade para flutuar ao sabor das correntes da vida, mas com a capacidade de pensar, raciocinar e alcançar. Deixamos nosso lar celestial e viemos para a terra na pureza e inocência da infância.

Nosso Pai Celestial não nos lançou em nossa jornada eterna sem preparar meios pelos quais pudéssemos receber sua orientação para retornar a salvo ao fim desta grande corrida da vida. Sim, falo da oração, do sussurro daquela pequenina voz dentro de cada um de



nós; e não negligencio as sagradas escrituras, escritas por quem já singrou com sucesso os mares que ainda precisamos atravessar.

“Vem, e Segue-me.” (Lucas 18:22.)

Esforço individual será requerido de cada um de nós. O que podemos fazer para nos preparar? Como assegurar uma boa viagem até o destino desejado?

Primeiro, precisamos visualizar nosso objetivo. Qual é o nosso propósito? O Profeta Joseph Smith aconselhou: “A felicidade é o objetivo e o propósito de nossa existência; e também será o fim, caso sigamos o caminho que nos leva até ela; e esse rumo é a virtude, retidão, fidelidade, santidade e obediência a todos os mandamentos de Deus.” (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 249.)

Nesta única sentença nos é dado não apenas um objetivo bem definido, mas também como alcançá-lo.

Segundo, precisamos esforçar-nos continuamente. Já perceberam que muitos dos mais preciosos procedimentos de Deus para com

seus filhos aconteceram quando eles estavam fazendo o que deviam? A visita do Mestre aos seus discípulos *a caminho* de Emaús, o bom samaritano *a caminho* de Jericó, Néfi *retornando* a Jerusalém.

Terceiro, não devemos desviar-nos de nosso curso predeterminado. Em nossa jornada, encontraremos encruzilhadas e retornos, as inevitáveis provas de fé e tentações de nossos dias. Simplesmente não nos podemos dar ao luxo de tentar um desvio, pois certos desvios levam à destruição e morte espiritual. Evitemos as areias movediças da imoralidade que ameaçam de todos os lados, o redemoinho do pecado e as correntes de filosofias não inspiradas.

Quarto, para ganhar o prêmio, devemos estar dispostos a pagar o preço. Lembremo-nos de como Saulo, o perseguidor, se tornou, Paulo, o pregador; como Simão, o pescador, se tornou Pedro, o Apóstolo de poder espiritual.

Nosso exemplo na corrida da vida poderia bem ser o nosso irmão mais velho, mesmo o Senhor. Ainda menino, ele nos admoestou: “Não

Quando eu era menino, meus amigos e eu gostávamos de fazer pequenos barcos e deixá-los correr rio abaixo onde, desarvorados, afundavam.

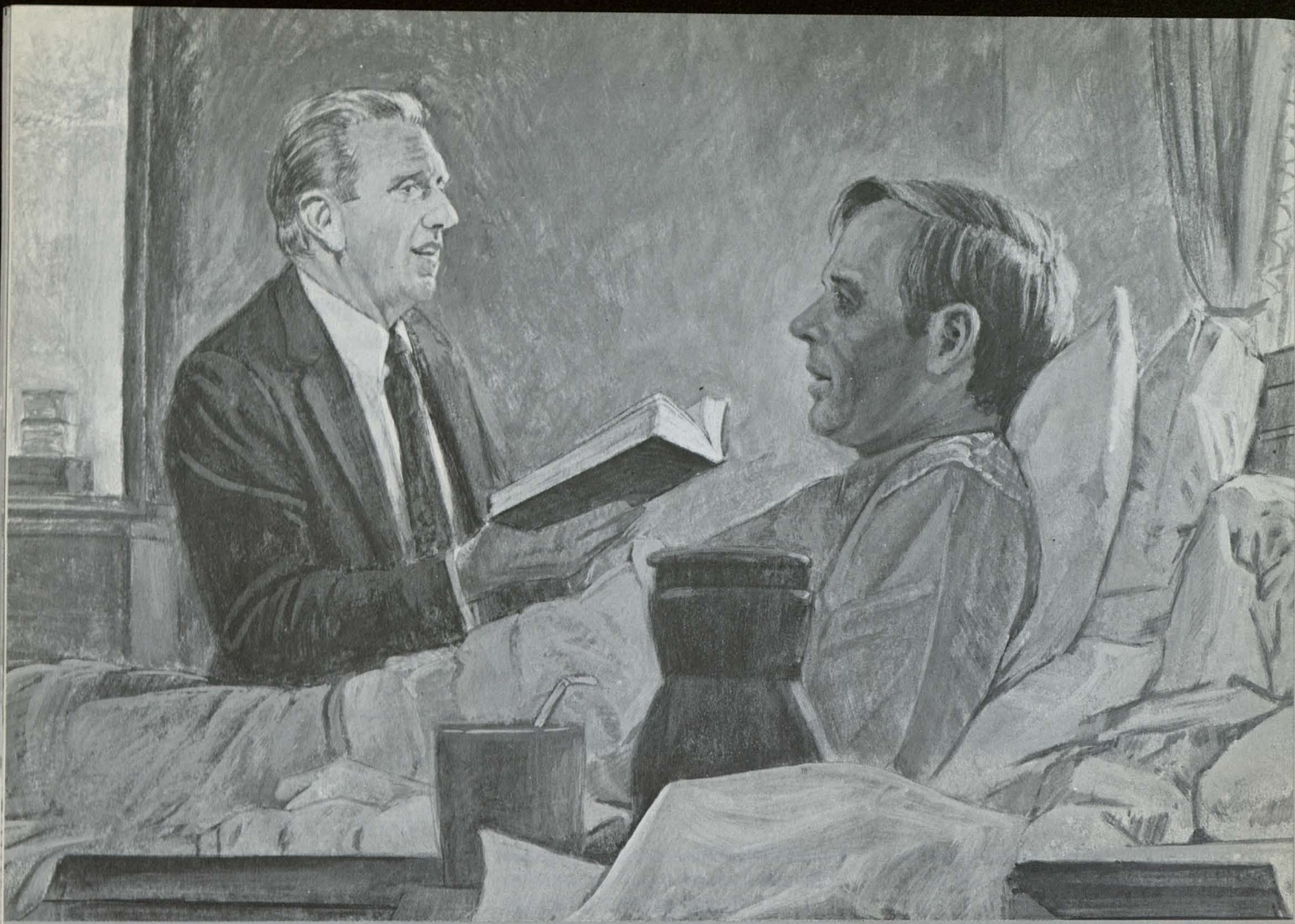
sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?” (Lucas 2:49.) Quando adulto, ensinou pelo exemplo, compaixão, obediência, sacrifício e devoção. Tanto para vocês como para mim, sua mensagem continua a mesma: “Vem, segue-me.”

É a Morte o Fim?

Em algum momento de nossa missão mortal, aparecem o passo vacilante, o sorriso lânguido, a dor de doença — até mesmo o final do verão, a aproximação do outono, o frio do inverno e a experiência que chamamos de morte.

Toda pessoa ponderada já fez a si mesma a pergunta tão bem expressa por Jó, quando velho: “Morrendo o homem, porventura tornará a viver?” (Jó 14:14.) Por mais que tentemos afastar esta pergunta de nossos pensamentos, ela sempre retorna. A morte chega para todos os seres humanos. Chega para os idosos que caminham com passos vacilantes. Seu chamado é ouvido por aqueles que mal venceram a metade da jornada da vida, e, com frequência, silencia o riso de crianças pequenas.

E quanto à existência além da morte? É a morte o fim de tudo? Esta pergunta me foi feita por um jovem marido e pai que se encontrava às portas da morte. Abri o Livro de Mórmon e, em Alma, li-lhe estas palavras: “Relativamente ao estado das almas no período compreendido entre a morte e a



Para confortar o jovem prestes a morrer, li-lhe a passagem do Livro de Mórmon que descreve a existência após a morte.

ressurreição, foi-me dado saber, por um anjo, que os espíritos de todos os homens, logo que deixam este corpo mortal, sim, os espíritos de todos os homens, sejam eles bons ou maus, são levados para aquele Deus que lhes deu a vida.

E deverá suceder que os espíritos daqueles que são justos sejam recebidos num estado de felicidade, que é chamado paraíso, um estado de descanso e paz onde terão descanso para todas as aflições, cuidados e dores.” (Alma 40:11-12.)

Pelos registros escriturísticos, sabemos que, enquanto o corpo de Jesus jazia no túmulo, o próprio Cristo pregava aos espíritos em prisão. Pedro declarou: “Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito;

No qual também foi, e pregou aos

espíritos em prisão.” (I Pedro 3:18-19.)

Pouco antes da morte, Jesus disse a seus apóstolos: “Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem, viverão.” (João 5:25.) E novamente citando uma epístola de Pedro: “Porque por isto foi pregado o evangelho também aos mortos, para que, na verdade, fossem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem segundo Deus em espírito.” (I Pedro 4:6.)

Depois que o corpo de Jesus ficara no túmulo três dias, o espírito voltou a entrar nele. A pedra foi removida, e surgiu o Redentor ressuscitado, revestido de um corpo imortal de carne e ossos.

“...Ressuscitou” (Ver Lucas 24:6.)

A resposta à pergunta de Jó:

“Morrendo o homem, porventura tornará a viver?” veio quando Maria e outras pessoas se aproximaram do túmulo e viram dois homens com roupas brilhantes, que lhes falaram. Inteirados de que haviam vindo para cuidar do corpo do Senhor, os visitantes zelosos foram advertidos: “Por que buscais o vivente entre os mortos? Não está aqui, mas ressuscitou.” (Lucas 24:5-6.)

Muitos testemunhos do Senhor ressuscitado nos dão conforto e entendimento, incluindo estes três:

Primeiro, do Apóstolo Paulo: “Cristo morreu por nossos pecados, segundo as escrituras.

E que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia...

E que foi visto por Cefas, e depois pelos doze...

Depois foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos...

Depois foi visto por Tiago, depois por todos os apóstolos.

E por derradeiro de todos me apareceu também a mim, como a um abortivo.” (I Coríntios 15:3-8.)

Segundo, o testemunho conjunto de duas mil e quinhentas pessoas que eram suas outras ovelhas, como está registrado no Livro de Mórmon. Um Outro Testamento de Jesus Cristo: O Senhor ressuscitado falou:

“Levantai-vos e vinde a mim para que possais meter vossas mãos no meu lado e também tocar as marcas que os cravos fizeram em meus pés e minhas mãos, a fim de que possais saber que eu sou o Deus de Israel, e o Deus de toda a terra, e que fui morto pelos pecados do mundo.

E aconteceu que a multidão se adiantou, tocou com as mãos o seu lado e apalpou as marcas que os cravos haviam deixado em suas mãos e pés, e assim fizeram todos, um por um; e viram com os próprios olhos, apalparam com as próprias mãos e souberam com toda a segurança, testemunhando que ele era aquele sobre quem os profetas tinham escrito, que haveria de vir.

E depois de se terem todos aproximado e testemunhado pessoalmente, clamaram a uma só voz, dizendo:

Hosana! Bendito seja o nome do Deus Altíssimo! E, lançando-se aos pés de Jesus, adoraram-no.” (3 Néfi 11:13-17.)

Terceiro, de Joseph Smith: “E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho último de todos, que nós damos dele: que Ele vive!

Pois vimo-lo, mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testemunhando que ele é o unigênito do Pai,

Que por ele, por meio dele e dele, são e foram os mundos criados, e os seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus.” (D&C 76:22-24.)

Todos Ressuscitados

O Apóstolo Paulo resumiu: “Porque assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo.” (I Coríntios 15:22.) Em virtude da vitória de Cristo sobre a tumba, todos seremos ressuscitados. Esta é a redenção da alma. Paulo escreveu: “E há corpos celestes e corpos terrestres, mas uma é a glória dos celestes e outra a dos terrestres.

Uma é a glória do sol, e outra a glória da lua, e outra a glória das estrelas; porque uma estrela difere em glória doutra estrela.

Assim também a ressurreição dos mortos.” (I Coríntios 15:40-42.)

É a glória celestial que buscamos. É na presença de Deus que desejamos habitar. É de uma família eterna que queremos ser membros. Um “boletim” com boas notas na mortalidade nos qualifica para a graduação com honras.

E para aqueles que morreram sem o conhecimento da verdade, foi providenciado um meio. As ordenanças sagradas podem ser realizadas por seres vivos fiéis em favor dos mortos que esperam. Casas do Senhor conhecidas como templos pontilham o mundo. Como o Profeta Elias testemunhou, o coração dos pais se converteu aos filhos, e o dos filhos aos pais. (D&C 110:14-15.) Ninguém será recusado. Todos terão a oportunidade das bênçãos eternas.

De onde viemos? Por que estamos aqui? Para onde vamos depois desta

vida? Estas perguntas universais não precisam mais ficar sem resposta. Do fundo de minha alma e com toda humildade, testifico das verdades que apresentei. Nosso Pai Celestial se alegra com aqueles que guardam seus mandamentos. Também se preocupa com o filho perdido, com o adolescente indolente, com o jovem obstinado, com o pai delinqüente. Ele lhes fala com ternura; na verdade diz a todos: “Voltai. Erguei-vos. Entrai. Vinde a mim.” Oro para que toda a humanidade aceite este convite divino à exaltação. ■

(De um discurso proferido num serão para pesquisadores, na Cidade do Lago Salgado, e transmitido via satélite, em 1º de março de 1984.)

Idéias para os Mestres Familiares

Alguns Pontos que Merecem Ênfase. Talvez queira ressaltar alguns destes pontos em sua mensagem:

1. As escrituras mostram as razões pelas quais estamos aqui na terra.
2. O Presidente Monson diz que “a fé é o primeiro princípio a ser ensinado a nossos preciosos filhos”.
3. Examine a afirmação do Profeta Joseph Smith a respeito da felicidade. Como podemos aplicar este conhecimento em nossa vida?
4. As escrituras fazem menção à vida pré-terrena e descrevem o mundo que almejamos na vida depois desta.

Auxílios para o Debate

1. Fale sobre seus sentimentos pessoais quanto ao nosso conhecimento referente às perguntas: de onde viemos, por que estamos aqui e para onde vamos depois desta vida.
2. Como essa compreensão do plano eterno nos ajuda na vida diária?
3. Há algumas escrituras ou citações neste artigo que a família poderia debater?
4. Seria preferível abordar este assunto depois de conversar primeiro com o chefe da casa antes da visita?

Phillip A. Snyder

Vários anos atrás, uma de minhas peças de vestuário preferidas era uma calça de algodão marrom que meus pais me deram de presente num determinado Natal. Eu a usava sempre que tinha oportunidade.

Certa tarde, por acaso a estava usando, enquanto trabalhava no laboratório computadorizado com uma classe na qual lecionava inglês. Sentado no terminal do computador, tive a infelicidade de encostar a perna na parte inferior da mesa e sentir-me em contato com algo muito pegajoso. Ao retirar a perna vagorosamente, vi que minha calça preferida estava grudada à mesa por um pedaço de goma de mascar rosa, recentemente colocado lá.

Aborrecido, desprendi minha calça da goma de mascar grudada e fiz o melhor que pude para limpar a sujeira. Consegui tirar a maior parte, embora permanecesse firmemente fixada em minha calça, uma pegajosa mancha rosa-acinzentada.

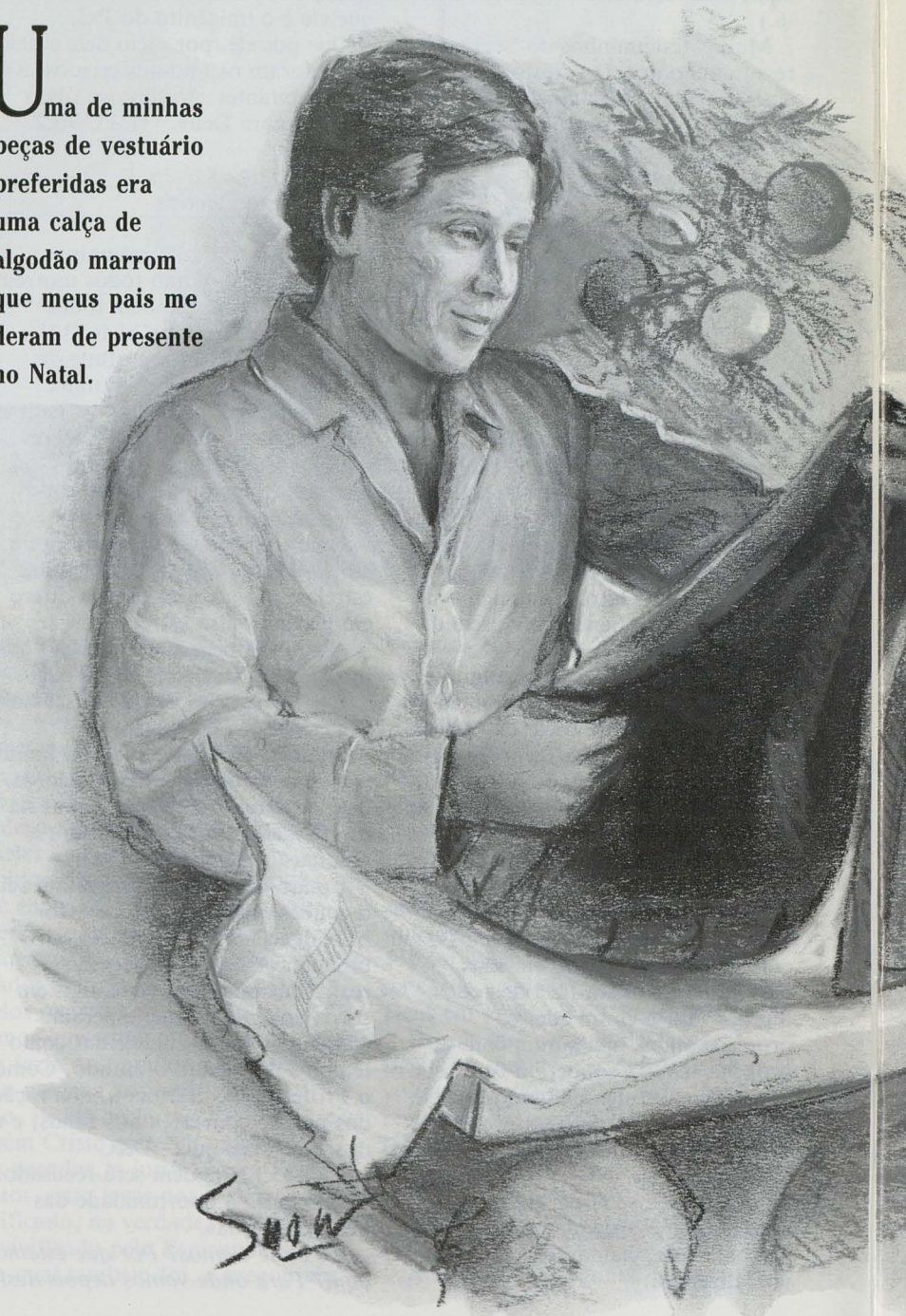
Rapidamente dispensei a classe e, usando minha maleta para encobrir a mancha, corri para o carro e fui para casa em busca de ajuda. “Minha mulher vai saber o que fazer”, pensei. E estava certo. “Seria melhor você levá-la ao tintureiro para uma lavagem a seco e espero que consigam remover a goma de mascar”, disse ela. “Mas não espere demais.”

Segui seu conselho e levei a calça para ser lavada a seco. No final da semana recebi a calça de volta sem um vestígio sequer de sua batalha com a goma de mascar. Fiquei muito contente. Recuperara minha calça predileta.

Depois de minha experiência com a goma de mascar, tenho sido mais cuidadoso com minhas calças, evitando fazer qualquer coisa que possa manchar ou rasgá-las. Tenho tomado o particular cuidado de, antes de sentar-me em qualquer escrivaninha ou mesa, verificar primeiro se não há goma de mascar grudada por baixo dela.

ARREPENHIMENTO LIMPAR NOSSAS VESTIMENTAS

Uma de minhas peças de vestuário preferidas era uma calça de algodão marrom que meus pais me deram de presente no Natal.



ARREPENDIMENTO

MANDAMENTOS ESPIRITUAIS

Descobri porém que, não importa o que eu faça para protegê-las, minhas calças ainda assim ficam um pouco sujas, e preciso cuidar de que sejam regularmente limpas para mantê-las livres de manchas e com boa aparência.

Recentemente, percebi que as pessoas são como as calças; elas também costumam ficar manchadas ou sujas, às vezes com nódoas mais pegajosas e difíceis de remover do que goma de mascar.

Ninguém é imune ou está livre do pecado. A própria natureza de nosso mundo e o propósito de nossa existência terrena exigem que cada um de nós distinga o bem do mal, a fim de nos provarmos dignos de retornar à presença do Pai Celestial. Somos provados, parece-me, basicamente de duas maneiras. Primeiro, fazemos o melhor possível para rejeitar as oportunidades de pecar. Segundo, quando nos maculamos em momentos de ignorância ou fraqueza, nos colocamos numa posição que nos permite — através do princípio do arrependimento, possibilitado graças à expiação de Jesus Cristo — reforçar nosso comprometimento de guardar os mandamentos. Fazemos isso humilhando-nos e seguindo os passos prescritos para o

arrependimento pleno.

Da mesma forma como podemos honrar nosso Pai Celestial e nossos sagrados convênios permanecendo livres de pecado, assim também podemos honrar nosso Pai e nossos convênios, arrependendo-nos quando pecamos. Assim podemos retornar, depois do perdão do Pai Celestial, ao nosso estado primitivo, livres do pecado, exatamente como minha calça de algodão voltou ao seu anterior estado de limpeza.

No capítulo 34 de Alma, Amuleque nos ensina que “esta vida é o tempo para os homens se prepararem para o encontro com Deus; sim, eis que o dia desta vida é o dia para os homens executarem os seus labores”. (Ver o vers. 32.) Ele nos admoesta a não procrastinarmos o arrependimento, mas a aproveitar esta vida ao máximo, valendo-nos do “grande e último sacrifício” do qual ele fala antes no mesmo capítulo. (Ver o vers. 14.) Ele nos adverte de que, se não o fizermos, nos tornaremos “submetido(s) ao espírito do diabo” (ver o vers. 35), afastados do Espírito do Senhor. Somos advertidos pelo próprio Senhor com uma referência poderosa e tocante ao seu sofrimento, encontrada na seção 19 de Doutrina e Convênios:

“Portanto, ordeno que te arrependas — arrepende-te, para que eu não te fira com a vara da minha boca, e com a minha ira; e com a minha cólera, e os teus sofrimentos sejam dolorosos — quão dolorosos tu não o sabes, nem quão pungentes, sim, e nem quão difíceis de suportar.

Pois eis que eu, Deus, sofri estas coisas por todos, para que,

arrependendo-se, não precisassem sofrer;

Mas, se não se arrependessem, deveriam sofrer assim como eu sofri;

Sufrimento que me fez, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros, sofrer tanto corporal como espiritualmente — desejar não ter de beber a amarga taça e recuar—

Todavia, glória ao Pai, eu tomei da taça e terminei as preparações que fizera para os filhos dos homens.” (Ver o vers. 15-19.)

Assim, pois, as escrituras ensinam claramente que temos que nos arrepender ou continuar dominados pelo pecado, pelo qual teremos afinal de sofrer pessoalmente sem a intercessão divina do Salvador. As escrituras e as revelações modernas não nos deixam em ignorância quanto ao processo do arrependimento; elas nos dão tanto instrução como exemplo em relação aos passos necessários para transformar a expiação numa poderosa força purificadora.

A Bíblia, por exemplo, narra muitas histórias de arrependimento. No Velho Testamento, podemos ler a respeito de cidades inteiras admoestadas por profetas de Deus a se arrependerem dos pecados. Podemos contrastar o arrependimento de Ninive (Jonas) com a destruição de Sodoma e Gomorra nas quais não havia nem mesmo dez pessoas justas. (Gênesis 18:20-33, 19:1-26.)

O Novo Testamento com seu registro do ministério de Cristo e do subsequente ministério de seus apóstolos, está cheio de exemplos de arrependimento. As parábolas da ovelha perdida, da dracma perdida e do filho pródigo, por exemplo, todas do capítulo 15 de Lucas, salientam a grande alegria proporcionada pelo arrependimento e volta do pecador arrependido ao estado de retidão. Além disso, a história da miraculosa conversão e arrependimento de Paulo ilustram a grande mudança positiva que

pode ocorrer num homem ou mulher pela influência do Espírito Santo. (Atos 9:1-31, 22:1-16.)

No Livro de Mórmon, a história da conversão de Alma, o filho, juntamente com os filhos de Mosiah (ver Mosiah 27, Alma 36), é semelhante à história de Paulo, mas mostra pormenores mais profundos concernentes tanto à dor como à alegria presentes no processo do arrependimento. A história de Enos é um exemplo da importância da oração sincera e poderosa para se obter perdão dos pecados. (Enos 1-8.) Os registros da visita de Cristo à América (3 Néfi 10:18-19; 11-28:12) e os duzentos anos de paz e prosperidade (4 Néfi), seguidos da volta à iniquidade que finalmente levou à destruição da nação nefita (ver Mórmon 1-8, Morôni 9), ilustram a necessidade de nos mantermos em constante condição de humildade e arrependimento.

Além disso, Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor contêm um bom número de histórias de arrependimento, incluindo o importante registro da luta do Profeta Joseph para se arrepender e vencer seus pecados. Mais ainda, temos muitos registros contemporâneos que expõem o princípio do arrependimento e o impacto que pode ter em nossa vida: os discursos proferidos nas conferências gerais, por exemplo, e os artigos publicados em *A Liahona*. Finalmente, temos o testemunho uns dos outros, comprovando a bênção do arrependimento na vida de pessoas mais ou menos comuns.

O que essas fontes nos ensinam é que o arrependimento é essencialmente um processo de seis passos. Primeiro, precisamos reconhecer nosso pecado. Segundo, precisamos sentir o que Paulo chama de “tristeza segundo Deus” (II Coríntios 7:10) em relação ao pecado. Terceiro, precisamos abandonar completamente o pecado. Quarto, temos de confessar o pecado e repará-lo na medida do possível. Quinto, temos que substituir a ação negativa do pecado pela ação positiva de um novo compromisso de guardar os

mandamentos. E, sexto, temos que receber o perdão final do pecado. Permitam-me ilustrar esse processo com um exemplo pessoal.

Quando eu era um “calouro” no colégio, adquiri o terrível hábito de blasfemar. Meus amigos usavam linguagem obscena e, embora resistisse, a princípio, eu por fim me rendi a ela. Depois de aproximadamente um ano, exatamente quando estava para fazer dezesseis anos, cheguei a entender que vinha cometendo um pecado muito sério. Essa compreensão, inspirada, tenho certeza, pelo Espírito Santo atuando em minha consciência, pareceu envolver-me com um negro sentimento de culpa, e decidi arrepender-me e afastar esse pecado de mim para sempre. Assim, havia cumprido os dois primeiros passos para o arrependimento, reconhecendo meu pecado e, depois, sentindo profunda tristeza por ele.

Iniciei um intenso programa de limpeza de minha linguagem, concentrando-me nos passos três, quatro e cinco do processo do arrependimento. Comecei a evitar os amigos profanos, substituindo-os por outros, especialmente membros da Igreja, e a usar outras palavras para me expressar. Vez por outra recaía inconscientemente no erro é claro, mas por fim cheguei ao ponto de evitar totalmente a linguagem profana.

Então, depois de ter conseguido com sucesso afastar as palavras vis de minha *boca*, comecei a trabalhar para tirá-las de minha *mente*. Orava todas as manhãs, pedindo forças, e relatava meu progresso nas orações noturnas, repetindo sempre meu desejo de receber perdão pelo pecado. Falei a meus amigos sobre meus esforços, e pedi que me perdoassem o linguajar anterior. Eles foram compreensivos e me ajudaram.

E, finalmente, tendo dominado minha língua e meus pensamentos, senti que havia cumprido todos os passos necessários para ser perdoado, com exceção do passo final, que é o próprio perdão. Mas

tive que esperar um pouco pelo último passo, assim como tive que esperar que minha calça fosse lavada. Então, uma noite, quando me deitei após minhas orações, veio-me pelo Espírito o doce sentimento do perdão que eu estivera buscando. Senti uma enorme alegria por estar espiritualmente “limpo”, muito mais profunda que o alívio experimentado com a limpeza de minha calça preferida.

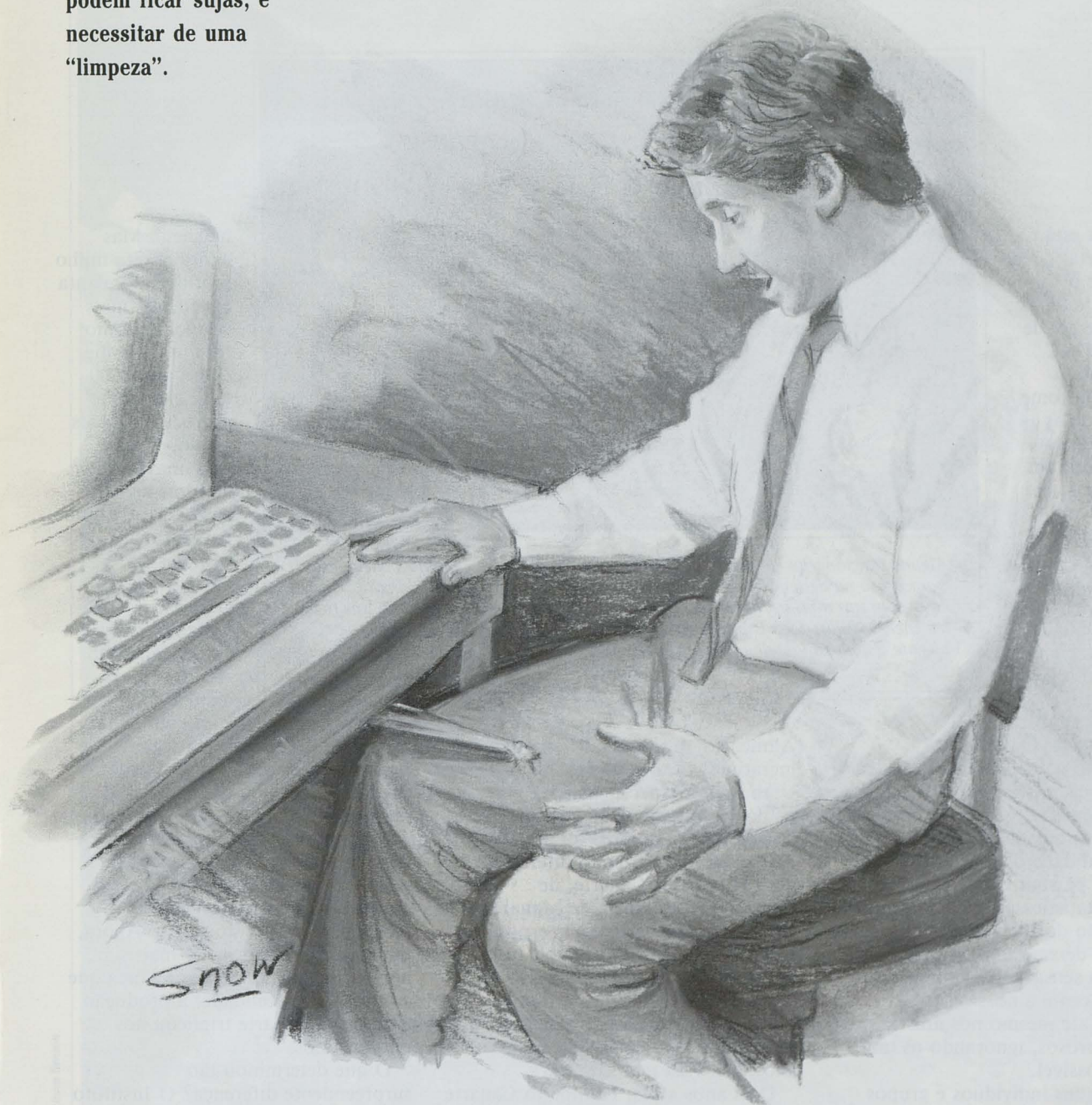
Agora, passados aproximadamente quinze anos, às vezes é-me difícil acreditar que alguma vez usei linguagem obscena. Lembro-me, é claro, de que o fiz, mas não com a dor que sentia, pois sei que fui perdoado e mantive meu perdão em vigor, porque nunca mais caí no mesmo erro.

É claro que nem todos os pecados podem ser vencidos num espaço de tempo tão curto, e os pecados muito sérios exigem a colaboração de um bispo. Mas o processo do arrependimento é essencialmente o mesmo, e o perdão igualmente certo e seguro. Alguns pecados não são tão sérios quanto o meu pecado da profanidade e podem ser perfeitamente resolvidos num dia ou mesmo numa semana, como parte de nossa preparação para participar do sacramento e renovar os convênios, uma oportunidade para purificação espiritual regular.

O essencial é que nos podemos manter limpos dos pecados do mundo, tirando proveito do princípio do arrependimento, que nos oferece esperança mesmo no mais profundo desespero. “Vinde então, e argüi-me, diz o Senhor; ainda que vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão brancos como a lã.” (Isaias 1:18.)

Que desfrutemos essa bênção por meio de nossa fidelidade tanto na retidão como no arrependimento, e que possamos finalmente receber, pela fidelidade aqui na terra, a bênção maior que é retornar à presença do Pai Celestial. ■

Vendo a goma de mascar grudada na minha calça, percebi que as pessoas também podem ficar sujas, e necessitar de uma "limpeza".



ELEVAR A QUALIDADE DE VIDA

INSTITUTO EZRA TAFT BENSON

Jan Underwood Pinborough

“A terra está repleta”, disse o Senhor, “e há bastante e até de sobra”. (D&C 104:17.) As imagens da fome tão divulgadas nos noticiários diários, formam um violento contraste com essa avaliação divina. A Organização Mundial de Saúde calcula que de treze a dezoito milhões de pessoas morrem

anualmente de inanição. A desnutrição e doenças correlatas são responsáveis por muito mais, deixando inúmeros sobreviventes com deficiências mentais e físicas. A fome é uma realidade diária para uma de cada oito pessoas na terra.

Esta estatística choca e confunde a imaginação dos bem alimentados. As fotos nos deixam horrorizados. Mas uma certa sensação de impotência fica subjacente à nossa tristeza. Podemos até mesmo nos afastar dos fatos dolorosos, ignorando-os tanto quanto possível.

Mas alguns indivíduos e grupos determinados recusam-se a ser vencidos pelo desafio de alimentar o mundo. Entre eles está o Instituto Ezra Taft Benson de Agricultura e



Alguns funcionários do Instituto Benson com ferramentas e animais adequados para o uso na agricultura em pequena escala. Da esquerda para a direita: Dale Oberg com um mini-tractor; Richard Brimhall e Dr. Laren Robison com um fogão a energia solar; Luis Espinoza com o triturador de grãos movido a bicicleta; Vincente Espinoza (ajoelhado) com o reborçador de latas; e o Dr. Paul Johnston com cobaias.

Foto de Marty Mayo

Alimentos. Esta organização sem fins lucrativos, localizada em Provo, Utah, tem a esperança — e um plano — de melhorar a qualidade de vida dos pobres e famintos do mundo.

O plano *está* fazendo diferença para Humberto Canarte, de Portoviejo, Província de Manabi, Equador. Humberto e sua esposa sustentam cinco filhos e dois netos num hectare de boa terra perto da costa do Pacífico. Para a família Canarte, a fazenda representa a própria sobrevivência. Nos últimos anos, sua vida tem sido dura.

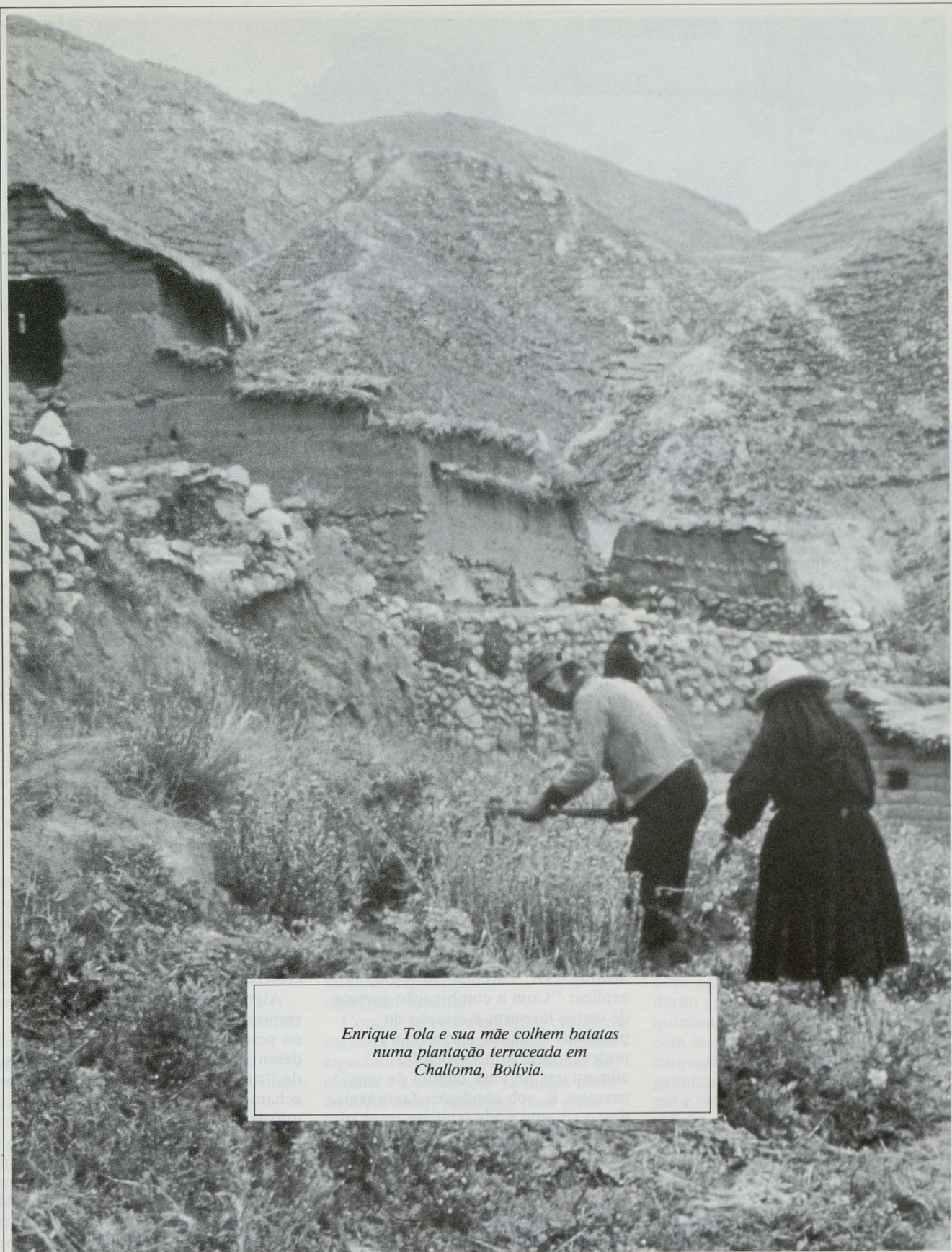
Dois anos atrás, Humberto Canarte plantava apenas milho e amendoim. Hoje ele está colhendo soja e hortaliças. Ele ainda ara a terra manualmente e capina o mato com

machete. Mas agora planta milho híbrido, e o planta em fileiras mais cerradas. Como resultado, colhe agora até 5.500 quilos de milho por hectare, mais do dobro que costumava colher. Há dois anos, levava até um ano para que as galinhas de Humberto atingssem o tamanho para comercialização. Agora, alimentando-as com uma dieta

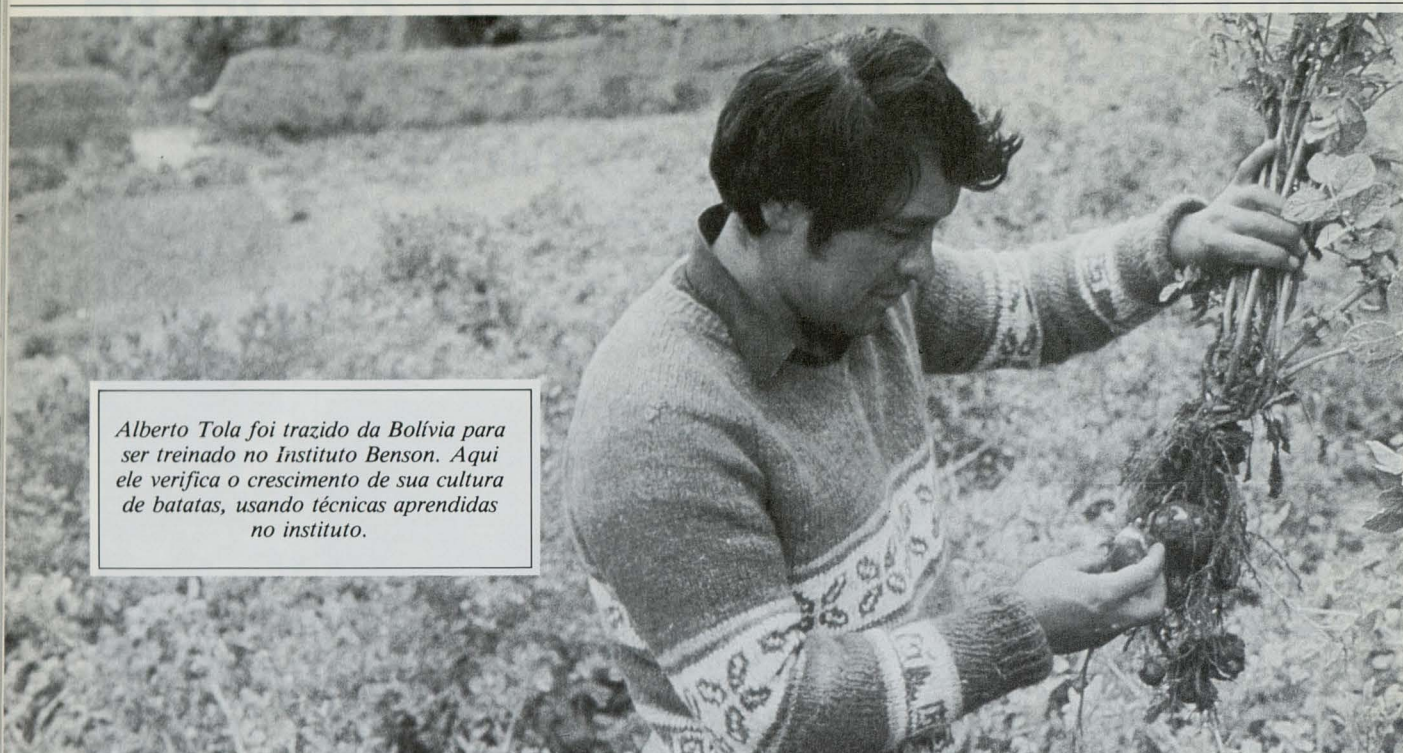
mais equilibrada, ele consegue criar frangos em oito semanas, usando apenas um décimo da ração usada antes.

Hoje, a família Canarte está mais nutrida. Não só consomem mais galinhas e ovos, como também conseguem comprar arroz com a renda proveniente do milho. Agora, também, sua dieta inclui mais hortaliças de uma pequena horta que cultivam. Na realidade, a produção da família Canarte triplicou nos últimos anos.

O que determinou tão surpreendente diferença? O Instituto Benson chama isso de agricultura em pequena escala. Há dois anos, os funcionários do instituto cultivaram dois lotes em Portoviejo, treinando os



*Enrique Tola e sua mãe colhem batatas
numa plantação terraceada em
Challoma, Bolívia.*



Alberto Tola foi trazido da Bolívia para ser treinado no Instituto Benson. Aqui ele verifica o crescimento de sua cultura de batatas, usando técnicas aprendidas no instituto.

Correia do Instituto Benson

fazendeiros e a secretaria da agricultura local em técnicas que tornam mais produtiva a agricultura em minifúndios. Humberto e seis outros fazendeiros que aprenderam essas técnicas, triplicaram sua produção.

Desde 1976, o Instituto Benson, em sua sede no campus da Universidade Brigham Young, vem realizando extensas pesquisas para descobrir como tirar o máximo proveito cultivando pequenos tratos de terra. Como aproximadamente trinta por cento dos lavradores de todo o mundo cultivam tratos de terra de até 1,25 hectares de extensão, o sistema tem ampla aplicação. O diretor do instituto, Dr. Laren R. Robison, explica: "Com a combinação correta de certas lavouras e criação de pequenos animais, 1,25 hectares podem suprir as necessidades alimentares de uma família de sete pessoas. E, sob condições favoráveis, nosso sistema pode também produzir uma renda em dinheiro." Além do programa no Equador, o sistema encontra-se em vários estágios de implementação no México, Bolívia, Chile e Guatemala.

A idéia ligada à agricultura em pequena escala é que os recursos da terra *são* suficientes para as

necessidades de sua população, mas não estão sendo devidamente aproveitados. A maioria dos produtores de gêneros alimentícios do mundo — um bilhão ou mais — cultivam propriedades de menos de seis hectares. Mas quando grande parte dessa terra está arruinada por maus métodos de cultivo, inicia-se um ciclo trágico. Diminuindo a produção, aqueles que dependem da terra não conseguem sustentar-se adequadamente. Alguns fogem para as cidades, onde se alimentam do que outros produzem. À medida que diminuem as terras cultiváveis, cada vez menos pessoas produzem alimentos para uma população crescente.

Algumas pessoas acham que a resposta para a fome do mundo está na pesquisa científica, com o desenvolvimento de novas variedades de "super" plantas e animais. Outros acham que os Estados Unidos e outros países desenvolvidos já têm recursos para produzir gêneros suficientes para alimentar o mundo. Mas os custos do transporte são muito altos. E muitas vezes a situação política de um país impede que os que têm muito ajudem aqueles que têm pouco. Os esforços de socorro por parte de órgãos humanitários

muitas vezes terminaram com toneladas de grãos apodrecendo nas docas, sem nunca chegar aos que estão passando fome.

O Instituto Benson propõe uma solução que começa no nível básico do indivíduo e comunidade.

O instituto leva o nome do Presidente Ezra Taft Benson, que veio de uma família de agricultores e passou a vida profissional trabalhando em organizações agrícolas de âmbito local, estadual e nacional antes de ser convidado para servir como Secretário da Agricultura dos Estados Unidos por oito anos. O Presidente Benson explica que as nações do mundo que estão tendo dificuldades para alimentar sua população, geralmente tomam a agricultura americana como modelo. — Com bastante frequência — diz ele, — lhes damos comida sem lhes ensinar como produzi-la.

O instituto chama atenção para a filosofia básica da auto-suficiência da família. — Nosso objetivo primordial, — diz o Dr. Robison, — é ensinar as pessoas a se tornarem tão auto-suficientes quanto possível na produção de seu alimento. As famílias que conseguem prover suas próprias necessidades alimentares, não precisam depender do sistema econômico no qual vivem para atender às necessidades da vida.

O sistema implantado pelo Instituto Benson usa princípios e técnicas agrícolas que foram amplamente usados nos países desenvolvidos, mas que não são bem conhecidos nos países subdesenvolvidos. No Equador, os resultados do ensino de princípios básicos como o espaçamento entre as plantas, seleção de sementes e fertilização foram tão impressionantes, que o Presidente Leon Febres Cordero pediu que o sistema Benson seja ensinado em todo o país.

Quando o Instituto Benson começa um projeto em qualquer país, ele procura primeiro averiguar a situação geral, dando atenção especial aos problemas básicos. — Não é suficiente ensinar as pessoas a se alimentarem melhor, se o seu suprimento de água está contaminado, — observa Ted Fairchild, do Departamento de Ciência Alimentar e Nutricional da BYU, que ajudou a desenvolver um sistema de avaliação para o Instituto Benson. Usando esse sistema, o instituto faz uma avaliação geral da qualidade atual de vida: Qual é o nível geral de saúde do povo? Quantos estão mal alimentados? A dieta local é bem equilibrada? Existe água potável boa e suficiente? Quais são os problemas sanitários? A infestação parasitária constitui um problema?

Foi esse processo de avaliação que ajudou a reduzir a mortalidade infantil em Retalhuleu, Guatemala. Quando nutricionistas descobriram que os fogões abertos assentados diretamente no chão não cozinhavam a temperatura suficiente para destruir as bactérias nos alimentos, ensinaram as pessoas a construir fogões mais altos. Em alguns meses, a mortalidade infantil causada pela disenteria diminuiu significativamente.

Concluída essa avaliação, começa a segunda fase da intervenção. Nesta os especialistas do instituto estudam as plantas e animais que já fazem parte da dieta local, planejam uma dieta bem balanceada baseada nesses alimentos, e calculam como produzir os nutrientes necessários no espaço disponível. Comumente, todos os componentes de uma dieta nutricionalmente equilibrada já são consumidos, embora alguns talvez em pouca quantidade. Só ocasionalmente se faz necessário acrescentar um tipo

de grão ou fonte de proteína desconhecidos na região.

Na fase três, são postos a funcionar todos os princípios básicos do sistema de agricultura em pequena escala. Primeiro, os lavradores aprendem exatamente quanto devem plantar de cada produto, e quantos animais de pequeno porte precisam criar para uma dieta balanceada.

Quando esse sistema é aplicado em pequenas propriedades, trinta por cento da terra é reservada para a cultura de grãos (milho, trigo, arroz, etc.) para fornecer as calorias básicas para animais e seres humanos. Uma proteína vegetal que pode ser armazenada é encontrada nos feijões secos, lentilhas ou outros grãos, que ocupam dez por cento do terreno. A maior parte das vitaminas e minerais é fornecida por dois por cento da terra, onde são plantadas hortaliças. Cerca de quarenta por cento é destinado às plantações específicas para alimentação animal (soja ou feijão de corda), dez por cento para forragens (alfafa ou trevo), e oito por cento às plantações para venda.

Escolhem-se os animais de pequeno porte mais apropriados às condições locais. Uma boa combinação seria, por exemplo, duas cabras leiteiras, doze frangos para abate mensal e doze galinhas poedeiras. As cabras darão aproximadamente mil e quinhentos litros de leite por ano, com as crias fornecendo cerca de cinquenta quilos de carne. As galinhas deverão botar cerca de dois mil e oitocentos ovos por ano e galinhas mais velhas fornecerão cerca de treze quilos de carne. Caso se deseje, os frangos fornecerão cerca de cento e oitenta quilos de carne por ano. Se conveniente, algumas coelhas e um macho podem substituir os frangos para abate e produzirão aproximadamente duzentos quilos de carne. E seus excrementos são um

excelente fertilizante natural. O Dr. Paul Johnston lidera a equipe do Departamento de Ciência Animal da BYU que desenvolveu a parte referente à criação de animais do sistema.

Em outras partes do mundo, podem-se usar plantas e animais diferentes. Às margens do Lago Titicaca, na Bolívia, por exemplo, os lavradores poderiam criar peixes para alimentação das galinhas. Em outro lugar, coelhos poderiam substituir a criação de galinhas. Em Portoviejo, no Equador, galinhas poedeiras, frangos para abate e cabras produzem carne e leite.

Os lavradores precisam aprender também a espaçar corretamente as plantas e balancear a alimentação dos animais para obter um rendimento máximo. No primeiro ano não se introduz nenhuma nova plantação, criação ou máquina.

Na fase quatro, a ênfase recai sobre como conservar e utilizar as colheitas com sabedoria. Uma simples secadora feita de papelão, desenvolvida pelo instituto, custa mais ou menos o equivalente a nove dólares e economiza um bom dinheiro perdido com a deterioração de alimentos. Ao preço de dez dólares, um fogão alimentado por energia solar é uma verdadeira pechincha. Usar a energia solar para cozinhar, permite ao lavrador poupar o tempo precioso que gastaria apanhando lenha. Os dois aparelhos — o fogão solar e a secadora do Instituto Benson — estão sendo usados na Etiópia e em Gana. Com o equivalente a apenas vinte e cinco cruzados, podem-se comprar os materiais necessários para fazer um moedor de grãos com peças de bicicleta usadas. Outro triturador funciona ligando-se uma bicicleta a um mecanismo de trituração.

No segundo ano em que estão aplicando o sistema, os lavradores podem usar o dinheiro ganho com a colheita do primeiro para construir uma variedade de ferramentas projetadas e testadas pelo Instituto Benson. Um minitrator, com seu próprio jogo de ferramentas para trabalhar o solo, ajuda a melhorar o rendimento do trabalho agrícola. E a irrigação e eletricidade geradas pelo vento são outras inovações baratas que podem aumentar muito a produtividade. O instituto chegou

mesmo a desenvolver um aparelho que permite o reaproveitamento de latas que logo poderá ser encontrado por menos de vinte e cinco dólares.

— O programa está funcionando agora, — diz Richard Brimhall, diretor-associado do instituto. — Sabemos que pode revolucionar a vida de aproximadamente um bilhão de pessoas, cuja existência ou morte depende de como se estão saindo na agricultura em pequena escala.

É uma revolução humana, uma revolução destinada a melhorar a vida das pessoas. Como se está espalhando? Hoje, o instituto consiste de dois diretores de tempo integral e duas secretárias. Mas conta também com mil e quinhentos associados voluntários de todas as partes do mundo. São cientistas agrícolas, nutricionistas, fazendeiros, rancheiros, médicos, advogados e até mesmo atores e produtores de filmes; todos eles ofereceram tempo e recursos ao instituto.

Dois alunos do curso de pós-graduação da BYU estão ensinando a Humberto Canarte e outras seis famílias em Portoviejo métodos agrícolas mais produtivos. Malaquias Flores de Chihuahua, México, está fazendo o curso de mestrado. Ele e Neils Tidwell, especialista em ciência animal de Idaho, com suas esposas e filhos, moram em Portoviejo. — Sentimo-nos bem podendo ajudá-los a ter uma vida melhor — dizem eles. Eles têm confiança de que as sete famílias são perfeitamente capazes de levar o programa adiante, depois que os funcionários do Instituto Benson deixarem Portoviejo.

O instituto, porém, não se satisfaz em simplesmente exportar especialistas para vários países. A meta do Dr. Robison é transformá-lo num centro internacional de treinamento. Já vieram agricultores e cientistas da Bolívia, Guatemala, Libéria, México e de outros países para aprender o sistema de agricultura em pequena escala. Mas o instituto precisa de recursos para treinar muitos, muitos mais. “A maneira ideal de divulgar o sistema é treinarmos pessoas capazes de, por sua vez, ensinar seu próprio povo”, diz o Irmão Brimhall.

O instituto também difunde sua influência por meio de bolsas de estudo de pós-graduação. Hector Solorio foi um dos graduados com

destaque em agronomia, em 1983. Depois de receber seu diploma de bacharel, ele desistiu de uma bolsa de estudos para um curso de pós-graduação, para cumprir missão. Terminada a missão, ele está fazendo um curso de pós-graduação na BYU com uma bolsa de estudos do Instituto Benson de Economia Agrícola. — Esses jovens voltarão a seu país para se tornarem líderes no governo e na agricultura — prediz o Irmão Brimhall. — Gostaríamos de patrocinar mais alunos assim.

Até agora, o instituto é financiado principalmente por subvenções do governo, de empresas e particulares. Por isso, tem podido ajudar só onde há disponibilidade de fundos. Mas a fundação SUD, que age como arrecadadora de fundos para projetos educacionais, lançou este ano uma campanha ambiciosa para o instituto. Também é necessário dinheiro para produzir um manual de instruções para agricultura em pequena escala. Se o instituto conseguir tornar-se mais independente, diz o Irmão Brimhall, poderá atender melhor aos pedidos de ajuda dos líderes da Igreja e de outras pessoas de países subdesenvolvidos.

Como todos aqueles que trabalham em prol de uma causa maior que eles próprios, os homens e mulheres do Instituto Benson mostram uma atitude de grande dedicação e certa urgência. Mas também sentem contentamento e alegria no trabalho. E com razão, pois esse trabalho prático de elevar a qualidade de vida não está distante do trabalho do Mestre.

— Temos visto a mão do Senhor em nosso trabalho a todo instante — diz o Irmão Brimhall. — Nosso trabalho não é de proselitismo, mas sentimos como se estivéssemos em missão ao ajudar pessoas a melhorarem sua qualidade de vida. Quando as pessoas aprendem a cuidar de si mesmas, são mais felizes e mais suscetíveis ao ensino. Cria-se uma maior estabilidade em seus lares, comunidades, e na nação. ■

O trabalho do Instituto Benson é diversificado, e são necessários voluntários com os mais diversos conhecimentos. Para obter informações sobre como tornar-se sócio do instituto ou sobre seus programas, escreva para: Benson Institute, B-49, Brigham Young University, Provo, Utah, USA 84602.

DEPOIS DE QUATROCENTOS NOMES

Jon B. Fish



Ilustrado por David Linn

Semanas antes de eu completar oito anos de idade, meu pai morreu num acidente de caminhão. Um mês depois, mudamos para uma nova casa em St. George, Utah, bem em frente do belo Templo de St. George.

Mamãe foi logo chamada como secretária de genealogia da estaca. Sempre que o grupo designado não podia fazê-lo, um membro da presidência do templo telefonava, perguntando a mamãe se seus filhos poderiam ir ao templo para fazer batismo pelos mortos. Mamãe nunca virou as costas ao Senhor. Meus dois irmãos mais velhos e eu freqüentemente íamos ao templo para fazer batismos.

Num dia de verão, eu havia cortado profundamente a mão numa lata vazia de conservas. Implorei a mamãe que não me levasse ao médico para dar pontos no ferimento, e então ela limpou-me a mão, colocou um curativo, cobriu-o com esparadrapo e depois enfaixou tudo com uma atadura de gaze.

Ela mal havia terminado, o telefone tocou. Eram os irmãos do templo, querendo que nós, meninos, fôssemos fazer batismos. Como meus dois irmãos mais velhos andavam muito ocupados naquela época, eu estava indo ao templo com certa regularidade. Àquela altura eu já tinha acumulado uma longa lista de batismos vicários que chegavam a milhares. Mais uma vez, meus irmãos mais velhos não estavam por perto, e então tomei

Mamãe me ajudou a entrar em casa para secar a mão ferida e colocar uma bandagem limpa.

rapidamente banho, me vesti e corri para o templo.

Várias horas e quatrocentos nomes mais tarde, o Irmão Edwards e eu paramos porque já era noite. Lembro-me bem dele, seu braço direito em ângulo reto, deixando ver a mão onde faltava, vários dedos por causa de um acidente sofrido na juventude. Depois de cada batismo, ele me ajudava com cuidado a chegar até a cadeira de aço inoxidável para a confirmação. Depois de cada vinte ou trinta batismos, o Irmão Edwards olhava para mim e dizia: — Irmão Fish, você pode fazer mais alguns? Eu respondia que sim, e lá íamos nós para outro lote de nomes.

Quando voltei para casa, exausto, mamãe, vendo a gaze molhada e gotejante, me levou ao banheiro para fazer um novo curativo. Eu estava tão cansado e faminto, que só queria comer e dormir, não ligando a mínima para minha mão. Deixei que ela tirasse a bandagem.

A gaze saiu primeiro, depois o esparadrapo e finalmente o curativo. Mamãe pareceu-me surpresa. Olhei para minha mão. Não havia um só vestígio do corte — nenhuma cicatriz, nenhuma vermelhidão, nada!

Lembro-me de minha mãe me abraçando em silêncio. Enquanto chorávamos juntos, compartilhando aquele momento, o Espírito testemunhou-me que eu havia sido curado por causa de meu serviço no templo do Senhor.

Jon B. Fish serve como conselheiro na presidência da Estaca Citrus Heights California.

OS ÚLTIMOS QUINHENTOS METROS

Melvin Leavitt

Os últimos quinhentos metros para se chegar à casa de Steve Davis pareciam realmente sem fim. Era um caminho particular que se afastava da estrada principal e corria por um pântano. E quando chovia, o que era freqüente, a estradinha se tornava *parte* do pântano. Se a gente quisesse chegar ao fim da estradinha, o melhor era estacionar o carro e andar, como Steve e seu pai sempre faziam. Era um lugar muito bonito, com a luz do sol se infiltrando pelos altos pinheiros, mas não mais bonito que uma porção de lugares que podem ser visitados com mais facilidade. Era um trajeto que só se andaria por uma *boa* razão.

Steve e o pai eram membros inativos da Igreja, e moravam aproximadamente quarenta e oito quilômetros da capela que deveriam freqüentar. Quarenta e oito quilômetros e meio de estrada ruim.

Steve Davis e seu pai eram membros da Ala Brooksville, Estaca Tampa Bay Florida. E embora Steve, um rapaz de dezessete anos, não estivesse freqüentando a Igreja há algum tempo, ele ainda tinha alguns bons amigos no quorum dos sacerdotes, com os quais passara muitos momentos maravilhosos. Eles caçavam coelhos nos bosques e pescavam na baía. Certa vez haviam pescado um pequeno tubarão. Também jogavam “softball” e basquete juntos.

Quando começou a parecer que Steve poderia simplesmente *ficar* inativo, veio um chamado da liderança da estaca. Cada quorum do Sacerdócio Aarônico da estaca tinha que escolher alguém para reativar. O quorum de Steve, que era formado por Joe Beggs, Billy Mantooth e Dennis Hunter, não teve dificuldade em escolher. Eles queriam ter o bom amigo de volta com eles aos domingos. Também estavam sentindo

falta dele nos times de basquete e de “softball”.

A estaca sugeriu que o quorum visitasse a pessoa escolhida pelo menos uma vez por semana. Ótimo, mas havia os quarenta e oito quilômetros, mais os quinhentos metros de estrada ruim. Isso não parecia constituir exatamente um problema para esses jovens. Assim, todas as semanas, percorriam os quarenta e oito quilômetros até a estradinha, e depois os quinhentos metros de lama até sua casa. Geralmente venciam a estradinha a pé. Ocasionalmente tinham a oportunidade de passar com o carro, mas só quando o chão estava seco.

Steve estava querendo voltar havia algum tempo, mas depois de ficar afastado, nem sempre é fácil. Ainda assim, toda a vez que seus amigos apareciam, começava a parecer mais fácil.

Nem sempre é fácil para os que visitam, também. Billy Mantooth recordava tempos depois: Parecia realmente que o demônio estava trabalhando contra nós. As coisas aconteciam sempre de uma forma tal, que pensávamos em não ir à casa dele, mas acabávamos indo de qualquer forma. Às vezes só chegávamos lá às dez horas da noite, mas nós íamos.

Certa vez eles expressaram seu amor a Steve, mas não o pressionaram para que comparecesse às reuniões. — Eles me disseram que todos sentiam falta de mim, mas não tentaram forçar-me a ir — recorda Steve.

Era óbvio que os rapazes realmente se importavam. E que se importavam ficou patente certa noite em que acharam que conseguiriam passar de carro, embora tivesse chovido e a estradinha se achasse enlameada. Eles estavam certos, em parte. Chegaram bem de carro até a casa, mas, na



A lama profunda e traíçoeira não conseguiu impedir os jovens do quorum dos sacerdotes de cumprir sua designação.

volta, o veículo saiu da estrada e afundou no charco. Steve e o pai vieram ajudá-los. Finalmente, por volta das três da manhã, conseguiram tirar o carro. A essa altura, todos pareciam grotescas estátuas de lama. Os visitantes estavam, na realidade, tão sujos, que tiveram que tirar as roupas enlameadas antes de poderem entrar no carro. Mas o rosto coberto de lama simplesmente fazia seu sorriso destacar-se ainda mais. Os quatro rapazes que foram para casa em trajes menores, naquela noite, estavam muito cansados, mas muito felizes. Podiam dizer que estavam influenciando Steve. E na semana seguinte, achavam-se lá outra vez. Não eram rapazes que se deixariam vencer por meros quinhentos metros.

Steve também estava feliz. Um domingo, não muito depois daquela noite memorável, ele apareceu na igreja, e seu pai estava com ele. O comparecimento deles era irregular a princípio, mas os amigos continuaram a visitá-lo até estabelecerem seus velhos hábitos de frequência.

Steve diz: — Eu os amo a todos. Serei sempre grato por eles. Se não fosse por eles, provavelmente ainda estaria inativo. Minha vida toda será diferente pelo que eles fizeram.

Uma estradinha de quinhentos metros não é muito longa, especialmente quando comparada a um percurso de quarenta e oito quilômetros. Mas geralmente são os últimos quinhentos metros que nos impedem de percorrer os quarenta e oito quilômetros. É exatamente o tipo da coisa que faz que muitos de nós deixemos o trabalho para amanhã, ou para a próxima semana, ou algum dia quando for provável que não chova. Mas Steve e seu pai sempre serão gratos pelos amigos que fizeram aquele esforço a mais, os últimos quinhentos metros. ■

IDE, Ó SANTOS, PARA OS TEMPLOS

Resolutamente ♩ = 72-88



1. I - de, ó san - tos, pa - ra os tem - plos
2. A - pren - dei o pla - no e - ter - no
3. E - lo - him, ó Pai e - ter - no,



E se - lai vos - sa u - ni - ão. Pois e - ter - nas
Que nos le - va à e - xal - ta - ção. Se - de fi - éis aos
Teu po - der vem con - fe - rir. A teus fi - lhos,



as fa - mí - lias Des - se mo - do se tor - na - rão.
vos - sos con - vê - nios E ob - te - reis al - to ga - lar - dão.
quan - do es - ti - ve - rem Em teus tem - plos a te ser - vir.



Letra: Jean L. Kaberry, nascida em 1918. © 1985 SUD
Música: Robert P. Manookin, nascido em 1918. © 1985 SUD

Doutrina e Convênios 109:13-21
Doutrina e Convênios 132:46

O CORO DO TABERNÁCULO

Janet Peterson

Todo domingo pela manhã, mais de trezentos homens e mulheres se reúnem no Tabernáculo na Praça do Templo, Cidade do Lago Salgado, para cantar no programa do Coro do Tabernáculo "Música e a Palavra Proferida", transmitido pelo rádio e pela televisão. São pessoas das mais diversas profissões: professores, donas de casa, médicos, tradutores, profissionais de propaganda, secretárias e programadores de computador. Mas uma coisa têm em comum: a oportunidade de participar musicalmente do coro mais conhecido no mundo inteiro.

O Coro do Tabernáculo tem suas raízes num coro formado praticamente logo que os pioneiros mórmons chegaram ao Vale do Lago Salgado, em 1847. Naqueles primeiros dias, o coro cantava nas reuniões realizadas provisoriamente no abrigo do Barracão, na Praça do Templo. Dez anos depois, o coro mudou-se para um tabernáculo de tijolo cru que tinha um órgão de tubos. Então, em 1867, quando o agora famoso Tabernáculo da Praça do Templo foi terminado, o coro encontrou seu lar e nome permanente.

A transmissão regular, semanal do coro começou em 1929. Agora, passados cinquenta e sete anos, ele pode reivindicar para si a mais longa série contínua de transmissões radiofônicas da história do rádio. No final de junho de 1986, o coro tinha sido ouvido em dois mil novecentos e sessenta e sete domingos. Salvo alguma interrupção, ele atingirá a sua 3.000ª transmissão em fevereiro de 1987. Desde aquela primeira transmissão em 1929, o coro tem levado bela música e edificação espiritual à vida de milhões de pessoas em todo o mundo.

Todas as semanas, especialmente durante a temporada turística de verão, milhares de pessoas lotam o Tabernáculo para ouvir a apresentação do coro ao vivo, mas muitos milhares mais ouvem o coro pelo rádio ou assistem-no pela televisão, pois é transmitido para todo o território dos



O Irmão Jerold Ottley em pé, pronto para reger o Coro do Tabernáculo durante uma sessão de Conferência Geral no Tabernáculo da Cidade do Lago Salgado, sede do coro desde 1867.

Estados Unidos e Canadá pela rede das Forças Armadas dos Estados Unidos ou por outras redes radiofônicas em todo o mundo.

Álbuns de discos e concertos do coro levam sua música a uma audiência ainda maior. Eles também são a fonte de sustento financeiro do coro; os recursos para sua manutenção não vêm dos fundos da Igreja, mas dos lucros com a venda de discos e honorários pagos pelas apresentações e contribuição de patrocinadores.

O coro já produziu mais de cinquenta álbuns de discos, que são vendidos em mais de quarenta países. Cinco desses álbuns receberam a distinção do Disco de Ouro da indústria fonográfica dos Estados Unidos, por terem vendido mais de 500.000 cópias cada. O álbum mais popular do coro, que vendeu um milhão de cópias, é *The Joy of Christmas*, uma seleção de canções de Natal.

O coro é ouvido não apenas em disco, nas transmissões pelo rádio e pela televisão, mas também ao vivo; tem excursionado por todo o mundo, desde sua primeira viagem, em 1893, para a Exposição Americana em Chicago, Illinois. Suas mais recentes viagens foram para o Japão, em 1979 e 1985, à Europa em 1955, 1973 e 1982, e ao Brasil em 1981. O coro tem viajado muito pelos Estados Unidos e Canadá; cantou na posse de três presidentes dos Estados Unidos, nas feiras mundiais norte-americanas de Spokane, Nova York, e de Montreal, e em vários festivais de música e eventos especiais. (Ver o artigo que acompanha este, "Transportar os 500".)

Em 1984, numa transmissão especial de televisão via satélite para todo o mundo, antes dos Jogos Olímpicos, o coro foi apresentado como "nosso tesouro nacional".

Embora a transmissão aos domingos seja talvez a mais conhecida das apresentações regulares do coro, não é, de modo algum, sua única atividade semanal. Jerold Ottley,

diretor do coro desde 1975, diz que as pessoas normalmente lhe perguntam: — Bem, o que vocês fazem no resto da semana, depois do programa de domingo? O Irmão Ottley responde: — O programa do domingo é geralmente a única coisa que a maioria das pessoas vê, mas nós temos concertos e sessões de gravação e há muito planejamento a ser feito antes de esses eventos acontecerem de fato. Ele geralmente passa de sessenta a sessenta e cinco horas por semana realizando trabalho relacionado ao coro. E acrescenta: — Há também um grande trabalho de relações públicas a ser feito com a televisão, rádio, jornais e revistas, e muito trabalho relacionado ao pessoal quando se trabalha com um grupo de aproximadamente trezentos e cinquenta integrantes. Além disso, estamos constantemente procurando novos talentos e ouvindo candidatas a membro do coro. Todas essas coisas exigem tempo.

O coro é frequentemente chamado de “o maior instrumento missionário da Igreja”. O Irmão Ottley concorda com isso, pois considera que o papel mais importante do coro é ser “embaixador da Igreja em todas as frentes — tanto dentro como fora dela. Nossa responsabilidade primordial, no entanto, não é dentro da Igreja. É voltada para o mundo exterior.

“Somos uma força missionária da Igreja. Embora não façamos grande alarde em relação ao nosso trabalho missionário, ainda assim ele é uma obra missionária. Frequentemente sentimos que, se não fizermos nada além de neutralizar os eventuais sentimentos negativos em relação à Igreja, já teremos conseguido alguma coisa. Muitas vezes somos responsáveis pela criação de uma atmosfera em que a pessoa pode encarar a Igreja com maior imparcialidade e ver a verdade.”

A eficiência do coro como missionário da Igreja é comprovada pela viagem ao Japão, em agosto de 1985. Os integrantes do coro assumiram o compromisso de realizar um trabalho missionário mais pessoal, e distribuíram mais de mil exemplares do Livro de Mórmon em japônes. Além disso, distribuíram mais de três mil livretos a respeito do coro, e aproximadamente três mil e duzentos cartões com as Regras de Fé.

Depois de dois meses da visita do coro, o Élder William H. Bradford, administrador de área no Japão, “nos disse que vários batismos haviam sido associados diretamente aos exemplares do Livro de Mórmon distribuídos pelos integrantes do coro”, conta o Irmão Ottley. — Talvez nunca saibamos o número total de pessoas que influenciámos com nossa música ou através dos contatos pessoais que fazemos.

— Estando no Japão, conversei com uma senhora que estava estudando o evangelho há meses, mas assumiu o compromisso do batismo naquela mesma noite durante o concerto. Esta é a parte mais gratificante de nosso trabalho. Ao mesmo tempo que gostamos de fazer coisas viáveis e



Dois famosas atrações turísticas se juntaram em Paris, França, nesta fotografia tirada durante a viagem pela Europa, em 1955.

Em julho de 1935, o Coro do Tabernáculo foi convidado a cantar duas vezes por dia durante sete dias, na Exposição Internacional da Califórnia — Pacífico, em San Diego, Califórnia. As senhoras do coro posaram com o regente adjunto Albert J. Southwick na frente do trem que os havia trazido da Cidade do Lago Salgado.

importantes no campo musical, se pudermos tocar o coração e o espírito de alguém através de nossa música e fazer com que sinta em relação ao Evangelho de Jesus Cristo o mesmo que nós sentimos, então estaremos fazendo o que realmente devemos fazer.

Como exemplo, na viagem de 1985, Marilyn Smith foi apresentada a uma senhora japonesa que atribuiu o fato de ser membro da Igreja e a missão que acabara de fazer ao espírito durante um solo de Marilyn, na viagem anterior do coro ao Japão.

Os integrantes do coro alegram-se por estarem cantando no “coro do Senhor”. Duffie Hurtado, que vem cantando no coro nos últimos dez anos, recorda: — Depois que o coro cantou na dedicação do centro de visitantes do Templo de Washington D.C., tivemos oportunidade de ser cumprimentados pelo Presidente Spencer W. Kimball, que apertou nossas mãos e nos agradeceu por cantarmos. Naquela fase de minha vida, eu estava tomando algumas decisões realmente sérias e, devido a problemas pessoais, pensava em deixar o coro. Quando me aproximei do Presidente Kimball, ele pegou minha mão e disse: — Este é o coro do Senhor, e é onde ele quer que você esteja. Eu não lhe dissera que tinha problemas, nem pedido seu conselho. Ele simplesmente soube. Com os outros integrantes do coro que estavam ao meu redor, ele simplesmente trocou um aperto de mãos e disse olá, ou obrigado, ou que Deus o abençoe. Mas, quando eu parei perto dele, foi aquilo que ele disse, e nunca vou esquecer. Sei que aquele homem era um profeta de Deus, e fiquei muito emocionado por ter o Senhor respondido às minhas orações de uma forma tão especial.

A amizade de Duffie e Victor Hurtado desenvolveu-se com sua convivência no



coro, e eles por fim casaram-se. Cantar juntos no coro é uma “bela experiência”, embora realmente crie algumas dificuldades na família, quando o pai e a mãe estão fora. No entanto, a família Hurtado resolveu muito bem o problema, pois a mãe de Victor, que, como ele, se filiou à Igreja no Peru, mora com eles. Ela toma conta das duas crianças, quando Victor e Duffie estão ensaiando ou apresentando-se com o coro.

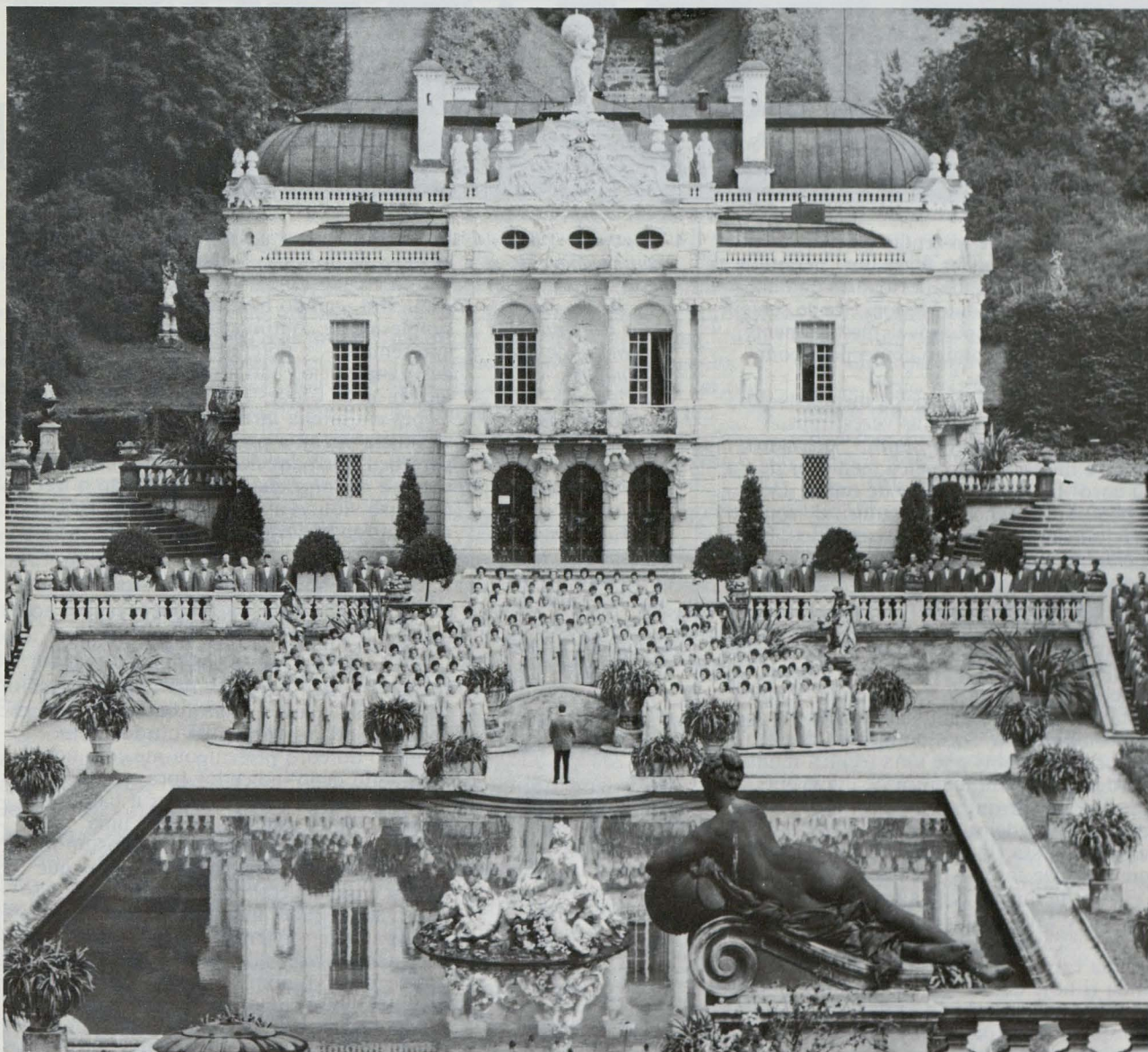
Edna Alba, uma irmã de ascendência mexicana que tem cantado no coro nos últimos doze anos, considera o coro “uma grande família”. Ela gosta de seu relacionamento com os outros membros do coro. No Irmão Ottley, ela vê “um perfeito equilíbrio de espiritualidade, musicalidade e bom humor”.

Falando em nome dos membros do coro, o Irmão Ottley diz: — De tudo o que o

coro faz que possa parecer fascinante, emocionante e maravilhoso, não há nada de que gostemos mais do que de cantar nas sessões da conferência geral de abril e outubro. Sentimo-nos parte da preparação e criação da atmosfera apropriada e de colaborar para a espiritualidade da conferência.

Jerold Ottley, Jerry para seus amigos e colegas, é um líder marcante. Musicalmente bem dotado, sabe também como lidar com pessoas. Ele compreende a dinâmica de um grande grupo e afirma que “uma das maneiras de me manter envolvido pessoalmente é saber os nomes dos integrantes do coro na ponta da língua, a fim de poder chamá-los pelo nome. Esforço-me bastante para isso, porque sinto que é importante. É muito fácil num grupo tão grande perder o senso de responsabilidade, quando se é apenas um

O castelo do Rei Ludwig, na Baviera, forma um belo cenário para o coro, durante a viagem de 1973 pela Europa.





em meio a mais de trezentas pessoas. Mas descobri que, se puder fazer uma pergunta dirigida a determinada pessoa, ou chamar todos pelo nome no corredor, eles se sentem um pouco mais responsáveis pessoalmente, não apenas para comigo como para com toda a organização.”

Seu interesse pessoal pelos membros do coro é retribuído trezentas vezes, pois, como comenta Marilyn Smith, “o Irmão Ottley é muito amado pelos membros de seu coro. Ele é o preferido de todos. Dono de profundo conhecimento musical, conhece perfeitamente a música que cantamos. Sua técnica de regência é impecável. E com sua perspicácia, tem a capacidade de diminuir a tensão que possa surgir.”

Ele realmente conhece o valor do bom-humor e tem a capacidade de rir não apenas das situações, mas também de si mesmo. Diz ele: — Divertimo-nos bastante quando cantamos juntos. O trabalho árduo é interrompido por esses momentos de humor. E descobri que uma técnica muito boa de lidar com dinâmica de um grupo tão grande é deixar que eu mesmo seja o alvo de uma brincadeira ou situação engraçada, para que possa rir bastante de mim mesmo com eles. De fato, — o coro gosta de ficar à espera de que eu diga alguma bobagem, o que não é raro acontecer. E eles não me deixam escapar impune.

Uma experiência da qual o Irmão Ottley ainda ri hoje deu-se há vários anos, quando o Coro do Tabernáculo estava atuando com a Orquestra Sinfônica de Utah, na solenidade de formatura da Universidade de

Pousando rígidos para a câmera de baixa sensibilidade à luz de sua época, o Coro do Tabernáculo é visto num ambiente incomum — o Templo de Kirtland, Ohio — durante uma viagem em 1911, para cantar em Nova York. O Templo, agora reformado, pertence à Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Utah. Quando estava regendo os dois grupos, recorda ele, “não sei como minha batuta escapou-me e voou por sobre a orquestra, caindo bem aos pés do coro. Nós simplesmente continuamos com a apresentação, e notei minha batuta deslizando pelo chão à medida que os membros da orquestra a empurravam com os pés em minha direção. O principal violinista pegou-a para dá-la a mim, mas percebeu que naquele momento tinha que tocar, e assim, a deixou cair. Então o primeiro violino apanhou-a e me entregou no exato momento em que eu devia fazer o sinal para o coro fazer uma grande entrada. Isto nos fez rir tanto, que quase não conseguimos fazer a entrada.

Mas esse não foi o fim da história; apenas o começo. No dia seguinte, meu irmão, que estivera na solenidade da formatura, deu-me um tubo de cola com instruções de como colar a batuta nos meus dedos. E depois de um dia ou dois, um membro do coro presenteou-me com uma luva, cujo dedo indicador fora cortado, de modo que eu pudesse encaixar a batuta no buraco. Várias semanas depois, um integrante do coro interrompeu-nos no meio de um ensaio (e vocês devem lembrar que nossos ensaios geralmente têm muitos observadores), adiantou-se até onde eu estava e disse: — Irmão Ottley, alguma coisa tem que ser feita, antes de podermos prosseguir. Em nome do coro, ela presenteou-me com um pacote que fui forçado a desembulhar diante de todos. Era uma aljava de arqueiro contendo uma

Seção Infantil

GEORGE FREDERICK HÄNDEL

Mary L. Derr



Papai, aonde o senhor vai? — perguntou George.

— À corte do duque, — foi a resposta.

— Posso ir também?

— Não — disse o pai asperamente.

George sabia que o pai devia ser obedecido. Mas havia músicos na corte, e George desejava muito ouvi-los tocar. O pai dissera que música era uma tola brincadeira de criança, não um trabalho para homens. George deveria tornar-se advogado e esquecer a música. Seu pai não sabia que George passava horas praticando em segredo num cravo (o "avô" do piano moderno).

Mas George precisava ouvir outros músicos tocando, e assim decidiu ir à corte em Weissenfels de qualquer forma. Não podia ser muito longe de sua casa em Halle (Saxônia, Alemanha).

Observou o pai subir na carruagem; então, quando o cavalo a puxou rua abaixo, George foi correndo atrás. Quando chegaram aos limites da cidade, George já estava sem fôlego, e a carruagem começou a ganhar velocidade. A distância entre George e a carruagem tornava-se maior, não importava o quanto ele corresse.

De repente a carruagem parou. O cocheiro desceu, correu até o

menino, apanhou-o e levou-o até a carruagem.

"O que você está tentando fazer?", repreendeu-o o pai. "Um menino de sete anos não consegue correr até Weissenfels. Eu lhe disse que não poderia vir. Por que me desobedeceu? Pode sentar-se com o cocheiro, mas será punido, quando voltarmos para casa."

Quando entraram no castelo, George ouviu música. Ele seguiu o som até uma sala, onde um homem estava tocando órgão. O menino ouviu feliz até a última nota extinguir-se.

— Posso tocar? — perguntou.

— Apenas um minuto.

George sentou-se na banquetta do órgão e começou a tocar. Ficou assustado com os belos tons que encheram a sala. O homem não falou com ele até que tocou a última nota.

Porque um

menino nos nasceu,

... e o seu nome será:

Maravilhoso, Conselheiro,

Deus forte,

Pai da Eternidade,

Príncipe da paz.

(Isaías 9:6.)

— Quem é você? — perguntou-lhe então.

— George Frederick Handel, — respondeu o menino.

— Você toca bem. Quantos anos tem, e quem é seu professor?

— Tenho sete anos, mas não tenho professor. Meu pai não quer que eu seja músico.

Exatamente nesse instante, o pai de George entrou na sala.

— Sinto muito, Vossa Graça, — disse ele ao homem, que por acaso era o duque, — se meu filho o perturbou.

— O senhor é o pai do menino?, perguntou o duque. — Ele me disse que não tem professor de música. O senhor não percebe que ele tem realmente talento? Arranje-lhe um professor de música imediatamente, e traga-o para tocar para mim novamente.

— Sim, Vossa Graça, — disse o pai de George, humildemente.

Quando voltaram para casa, George foi mandado para a cama como castigo. Mas logo no dia seguinte, o pai contratou o organista da maior igreja de Halle para ensinar George, e lhe foi permitido que se preparasse para a carreira de músico. Mas George também respeitou o desejo paterno e se formou na Faculdade de Direito.

George Frederick Handel nasceu em Halle, a 23 de fevereiro



de 1685. Começou sua carreira como compositor de óperas. Suas óperas tornaram-se populares e já era famoso aos vinte e cinco anos. Viajou para a Inglaterra, onde se naturalizou e passou o resto da vida, fazendo apenas breves visitas a Halle para rever a mãe.

A música de Handel é apreciada ainda hoje. Ele é famoso por ter criado o oratório, uma história bíblica apresentada por um coro, vozes em solo e orquestra. Seu trabalho mais apreciado, *O Messias*, conta a história de Jesus. É escrito de maneira tão simples, que pode ser executado por grupos amadores, bem como por músicos profissionais. ■



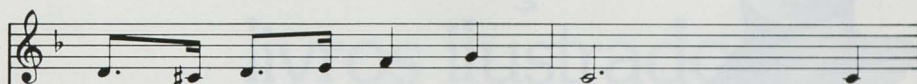
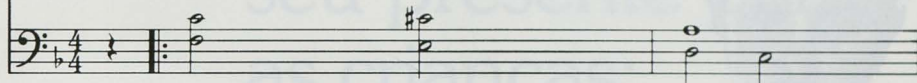
Quero Ser um Missionário Agora

Brilhante

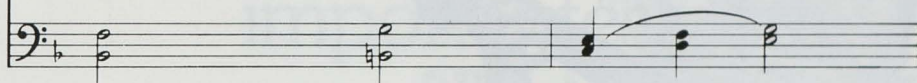
Letra e música por Grietje Rowley



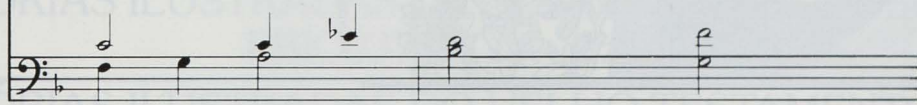
1. Um mis - sio - ná - rio a - go - ra eu que - ro ser Não vou
 (2. Aos) meus a - mi - gos que - ro ex - pli - car que a I -
 (3. Um) mis - sio - ná - rio a - go - ra eu pos - so ser não pre -



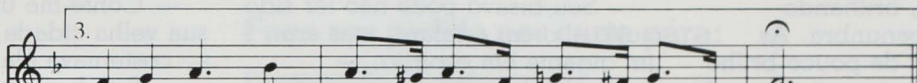
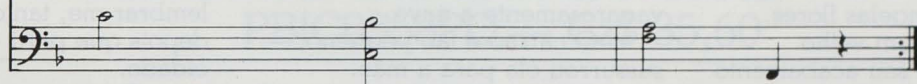
es - pe - rar a - té cres - cer O
 gre - ja faz - me tão fe - liz que o
 ci - so es - pe - rar cres - cer Um



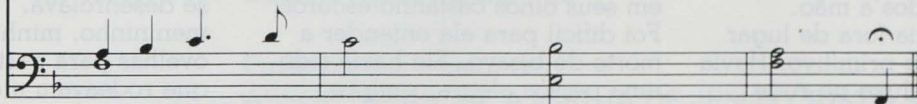
e - van - ge - lho que - ro par - ti - lhar Pois um
 e - van - ge - lho res - tau - ra - do foi E que
 bom e - xem - plo sem - pre eu se - rei E as -



tes - te - mu - nho pró - prio já ga - nhei 2. Aos
 Deus aos ho - mens fa - la ou - tra vez. 3. Um
 sim que te - nho um tes - te - mu - nho



mos - tra - rei; que te - nho um tes - te - mu - nho mos - tra - rei.



Copyright © 1984 Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. É permitido o uso de cópias desta música na Igreja. Esta observação deve ser incluída em cada cópia.

O VELHO BANDOLIM

Wendy F. Kanno



Ilustrado por Dick Brown

A música do órgão era solene e baixa, e um silêncio reverente caiu sobre a congregação, quando entraram os homens carregando o simples caixão de pinho, carinhosamente decorado com singelas flores. Entre elas estava um velho bandolim, com o seu acabamento gasto mas polido, brilhando frouxamente na penumbra. As velas com sua luz de pouco brilho faziam a sala parecer mais sombria, embora a luz do sol se infiltrasse aqui e ali entre os troncos desbastados a mão.

O órgão parecia fora de lugar num ambiente tão primitivo. Havia poucas coisas de luxo no rude Oeste, e o pequeno órgão que viajara pelas imensas planícies

num carroção, era considerado de muito valor.

Amanda observou pequenas nuvens de pó que se levantavam do chão à medida que os que carregavam o caixão percorriam vagarosamente a nave.

— O caixão é tão pequeno, — sussurrou ela para a mãe.

— Seu bisavô pode não ter sido muito alto em estatura, mas era um gigante em espírito, — respondeu mamãe, sussurrando.

Amanda concordou com a cabeça e lágrimas amargas ardiam em seus olhos castanho-escuros. Foi difícil para ela entender a morte do bisavô. Ele havia sido uma pessoa alegre, sempre espalhando seu riso onde quer que fosse. E a música. Como ele

amava a música.

— Amanda, o mundo seria um lugar triste e desolado sem música, — dizia-lhe ele freqüentemente. — Ela me tem ajudado mais vezes do que posso lembrar-me, tanto antes como depois que parti de minha velha cidade.

— Conte-me uma história sobre sua velha cidade, vovô, por favor, — costumava ela pedir.

— Está bem, mas você já ouviu todas antes. — Seus olhos cintilavam à medida que a história se desenrolava. "Quando eu era menininho, minha família levava ovelhas para pastar nos campos que rodeavam a cidade. O campo era bonito e verde durante o dia, mas à noite só havia sombras. Eu

O NATAL SE APROXIMA!

Prepare já
seu presente para
as crianças:
livros ilustrados,
atrativos e
importantes para
seus filhos.

HISTÓRIAS ILUSTRADAS DE DOCTRINA E CONVÊNIOS
PBIC037APO — Cz\$ 51,40

HISTÓRIAS ILUSTRADAS DO VELHO TESTAMENTO
PBIC0336PO — Cz\$ 22,80

HISTÓRIAS ILUSTRADAS DO NOVO TESTAMENTO
PBIC0347PO — Cz\$ 22,80

HISTÓRIAS ILUSTRADAS DAS ESCRITURAS
PBIC0358PO — Cz\$ 35,60

Faça seu pedido por carta para:

Divisão de Distribuição
Caixa Postal 26023
05599 - São Paulo - SP

Envie cheque a favor de:
ASSOC. BRAS. DE A IGREJA DE JESUS CRISTO SUD

Recebemos a nova edição revisada de

ENSINAMENTOS DO PROFETA JOSEPH SMITH

COMPILADO POR

JOSEPH FIELDING SMITH

Cz\$ 36,00

Código: PBMI4314PO

Faça seu pedido para:

Divisão de Distribuição
Caixa Postal 26023
05599 - São Paulo - SP

(Cheques em nome de:
ASSOC. BRAS. DE A IGREJA DE JESUS CRISTO SUD.)

Prezado Assinante:

Use o comprovante bancário anexo para renovar sua assinatura de A LIAHONA.

Verifique o vencimento na etiqueta de endereçamento.

Mesmo que a assinatura não esteja vencida pode ser feita a renovação.

corte aqui

Caso não precise renovar, use este comprovante para presentear seus amigos e parentes!

^ IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

SE FOR MEMBRO DA IGREJA PREENCHA OS DADOS ABAIXO

ESTACA/MISSÃO _____

ALA/RAMO _____

A LIAHONA

RENOVAÇÃO ASSINATURA NOVA

BANCOS AUTORIZADOS	BANCO	AGÊNCIA	C/CORRENTE
	BRABESCO	0656-4/VILA SÔNIA - URB. SP	010.100-7
	Itaú	0788/JARDIM GUEDALA - SP	03777-8

ASSOCIAÇÃO

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

Nº ANOS A RENOVAR	TAXA ANUAL	IMPORT. A PAGAR
1 ano	Cz\$ 20,00	Cz\$ 20,00
2 anos	Cz\$ 20,00	Cz\$ 40,00

NOME _____

ENDEREÇO _____

BAIRRO _____ NÃO USE ESTE ESPAÇO _____

CEP _____ CIDADE _____ EST. _____

PREENCHER COM LETRA DE FORMA

AUTENTICAÇÃO MECÂNICA

^ IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

SE FOR MEMBRO DA IGREJA PREENCHA OS DADOS ABAIXO

ESTACA/MISSÃO _____

ALA/RAMO _____

A LIAHONA

RENOVAÇÃO ASSINATURA NOVA

BANCOS AUTORIZADOS	BANCO	AGÊNCIA	C/CORRENTE
	BRABESCO	0656-4/VILA SÔNIA - URB. SP	010.100-7
	Itaú	0788/JARDIM GUEDALA - SP	03777-8

ASSINANTE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

Nº ANOS A RENOVAR	TAXA ANUAL	IMPORT. A PAGAR
1 ano	Cz\$ 20,00	Cz\$ 20,00
2 anos	Cz\$ 20,00	Cz\$ 40,00

NOME _____

ENDEREÇO _____

BAIRRO _____ NÃO USE ESTE ESPAÇO _____

CEP _____ CIDADE _____ EST. _____

PREENCHER COM LETRA DE FORMA

AUTENTICAÇÃO MECÂNICA

tinha que vigiar sozinho à noite. Às vezes as ovelhas ficavam inquietas, por isso sempre levava meu velho bandolim.

Cantava uma música suave e isso as acalmava. Também acalmava minha mente. Guardar ovelhas pode ser uma coisa muito solitária. Meu bandolim sempre me trouxe conforto, Amanda. Estou feliz por você ter aprendido a tocar. Quero que um dia você fique com ele."

Uma cotovelada aguda do irmão mais velho trouxe Amanda de volta ao presente. O Bispo Madsen encaminhou-se para a caixa alta que servia de púlpito e anunciou o hino de abertura e a oração. Quando começou o serviço, a mente de Amanda voltou a divagar. Via-se ainda viajando na parte de trás do carroção coberto, olhando fixamente e com saudades para trás, à medida que a trilha desaparecia no pó. Ia sentir falta de sua casa e de seus amigos que ficaram. O vovô, no entanto, não parecia sentir a mesma coisa. Ele ia sentado na frente, olhando constantemente adiante.

— Vamos cantar, — sugeria. Amanda era a primeira a acompanhá-lo.

Suas vozes eram levadas pelo quente vento de Nebraska, e logo todos os pioneiros da sua caravana se punham a cantar com eles.

Os momentos mais gostosos eram à noite, em volta da fogueira do acampamento. Os carroções ficavam dispostos em círculo, todos juntos, e a lua parecia enorme no céu da planície, iluminando suavemente os rostos cansados e queimados pelo sol.

O caminho para Utah é longo e difícil, pensava Amanda. Mesmo assim, o vovô agüentou... Por que teve de morrer agora?

O bispo havia terminado de falar, e voltou-se para Amanda.

"Amanda, todos sabemos quanto você e seu bisavô gostavam de cantar juntos. Você acha que conseguiria vir até aqui e cantar uma de suas músicas preferidas para nós?"

Vinde, ó Santos,

sem medo ou temor:

Mas alegres andai.

Rude é o caminho

ao triste viajar,

Mas com fé

caminhai...

Amanda ficou gelada. *Jamais conseguiria cantar sem o vovô,* pensou. Olhou para o bandolim colocado entre as flores. Ele havia ajudado vovô, enquanto guardava as ovelhas. Talvez ele a ajudasse agora.

Levantou-se devagar e foi até o caixão. Suas mãos tremiam, ao apanhar o bandolim do meio das flores. Várias pessoas acenaram com a cabeça, encorajando-a. Amanda limpou a garganta, colocou os dedos nas cordas, e começou: "Vinde, ó santos..."

O hino continuou muito belo, até que ela chegou à última estrofe. Lágrimas ardiam-lhe nos olhos, e sua voz começou a falhar.

O Bispo Madsen colocou-se rapidamente ao lado de Amanda, acenando para que a congregação cantasse também. Imediatamente a pequena igreja de madeira encheu-se de música.

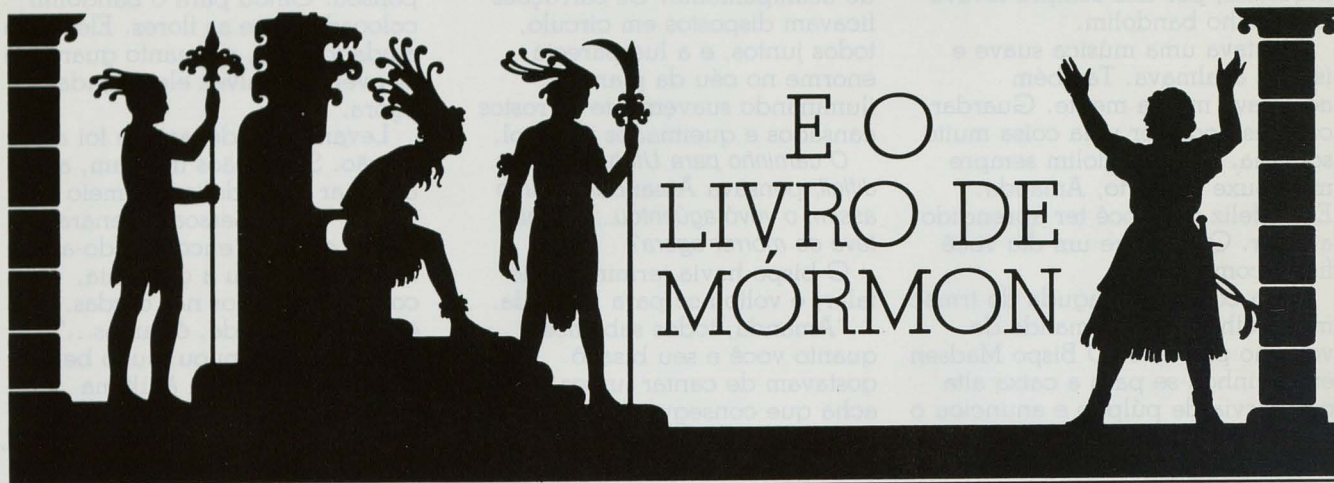
*Chegando a morte, tudo irá bem,
Vamos paz todos ter!
Livres das lutas e dores também,
Com os justos viver!...*

Amanda sentou-se, ainda segurando o bandolim. A mãe pôs o braço em volta do ombro de Amanda e disse: "O bandolim de vovô pode tornar-se uma parte tão importante de você como era dele. Tome muito cuidado com ele."

Amanda sorriu. Isto era um conforto para ela. ■



M Ó R



Élder Mark E. Petersen Do Quorum dos Doze: 1900-1984

Há muitos anos vivia um menino chamado Mórmon. O nome de seu pai também era Mórmon. Naquela época, ninguém usava sobrenome, e assim o menino era conhecido como o filho de Mórmon.

Naquela época, um homem chamado Amaron havia sido designado pelo Senhor para cuidar dos registros históricos do povo daqueles dias. Os registros eram valiosos e haviam sido passados de geração em geração pelos profetas que haviam compilado a história do povo de sua própria época. (Esses registros costumavam ser gravados em finas placas de ouro, porque era difícil gravar em metais mais duros. Outra vantagem de se usar placas de ouro era que elas não enferrujavam e podiam ser guardadas indefinidamente.)

Quando Mórmon, filho de Mórmon, tinha dez anos de idade, Amaron lhe disse: "Vejo que és um menino sensato e de pronto entendimento.

Portanto, quero que te lembres das coisas que tiveres observado, relativamente a este povo, e, quando chegares à idade de vinte e quatro anos, mais ou menos, vás ao país de Antum, e a uma colina que será chamada Shim; ali depositei, para o Senhor, todas as sagradas gravações que dizem respeito a este povo.

E eis que tomarás das placas de Néfi, deixando o restante no lugar em que está; e gravarás nas placas de Néfi todas as coisas que tiveres observado, relativamente a este povo." (Mórmon 1:2-4.)

Então o filho de Mórmon escreveu: "E eu, Mórmon, sendo um descendente de Néfi, ... lembrei-me do que Amaron me ordenara.

E aconteceu que, quando tinha onze anos, meu pai me levou para a terra do sul, a própria terra de Zarahemla.

E toda a face da terra se achava coberta com edifícios, e o povo era quase tão numeroso como as areias do mar." (Mórmon 1:5-7.)



Nesse mesmo ano (aproximadamente 322 A.D.), na terra que circundava Zarahemla, irrompeu uma guerra entre as duas grandes nações que viviam lá, os nefitas e os lamanitas. Quando Mórmon tinha quinze anos de idade, ele foi "visitado pelo Senhor... e conheceu a

M O N



bondade de Jesus". (Mórmon 1:15.) Mórmon queria pregar ao povo, mas eles eram iníquos demais para ouvi-lo.

Mórmon cresceu e se tornou um rapaz alto, forte, e foi chamado para o exército nefita, onde logo se tornou comandante de muitos soldados. Quando tinha aproximadamente vinte e quatro anos, foi até a colina Shim e pegou as placas de Néfi, como Amaron lhe ordenara. Começou a escrever nelas a respeito da iniquidade do povo nefita e das guerras que estava travando com os lamanitas.

O Senhor ordenou a Mórmon que compilasse os mil anos da história nefita num único volume, e assim fez, gravando-a em placas de ouro que ele mesmo moldou, colocando-as junto com as placas de Néfi.

Nas batalhas travadas posteriormente, Mórmon e todos os outros nefitas foram mortos, com exceção do filho de Mórmon, Morôni.

Foi Morôni quem terminou a história de seu povo. Ele sabia que o registro precisava ficar em segurança, pois seu pai lhe ordenara que cuidasse dele. Quando Morôni terminou de gravar seu próprio registro nas placas de ouro, fez uma caixa de pedra e colocou as placas dentro dela. Morôni escondeu a caixa de pedra que continha os registros sagrados num buraco que cavou na encosta do Monte Cumorah, como era conhecido naquela época. Por fim, Morôni morreu.

Os registros ficaram escondidos cerca de mil e quatrocentos anos no Monte Cumorah. Então chegou o tempo em que deveriam ser conhecidos. Morôni foi enviado de volta à terra como um anjo do céu, para visitar um jovem chamado Joseph Smith Jr., que vivia com a família numa fazenda, a oeste de Nova York, não muito longe do Monte Cumorah. O Senhor havia escolhido Joseph Smith para ser seu primeiro profeta nos últimos dias, e instruiu

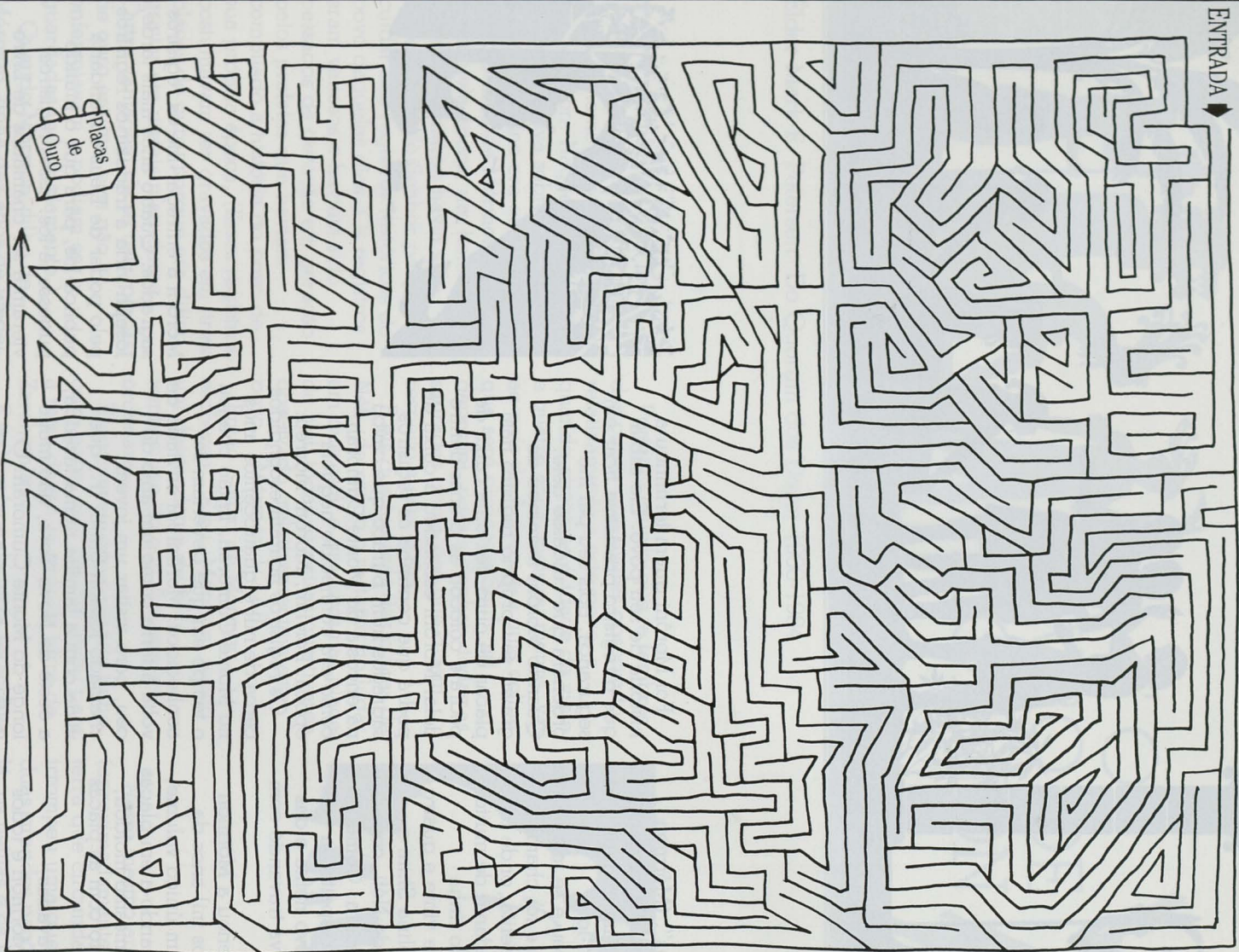


Morôni a entregar-lhe os registros sagrados. Quatro anos mais tarde, Joseph viria a traduzir os registros pelo poder de Deus e mandaria publicá-los, para que o mundo pudesse lê-los. Esses registros vieram a ser chamados de Livro de Mórmon, por causa do pai de Morôni, Mórmon, que compilou a maior parte deles. ■

SÓ PARA DIVERTIR

ENCONTRE AS PLACAS DE OURO

Jason Smallcanyon



Caro amiguinho,

Meu nome é Jason Smallcanyon. Moro em Gallup, Novo México, Estados Unidos. Pertencço à Ala Gallup I, Estaca Gallup Novo México. Tenho dez anos. Meus passatempos preferidos são jogar e desenhar. Desenhei o labirinto para o tempo de compartilhar da nossa Primária. Foi divertido observar as outras crianças ajudarem Joseph Smith a encontrar as placas de ouro. Sou um índio navajo. Tenho um irmão de sete anos chamado Corey.

Achei que alguns de vocês, também, gostariam de tentar resolver meu labirinto. Obrigado, Jason

coleção de batutas, de modo que, se eu perdesse uma, poderia apanhar outra rapidamente.”

O Irmão Ottley continua uma tradição de liderança exercida com talento e dedicação. Seu predecessor, Richard P. Condie, serviu como regente-adjunto do coro durante vinte anos, e depois dezoito anos como regente. O Irmão Condie sucedeu a J. Spencer Cornwall, que serviu como regente do coro durante vinte e dois anos.

Uma parte integrante do coro são os organistas. Atualmente são Robert Cundick, John Longhurst e Clay Christiansen. O organista alemão Alexander Schreiner, ficou bastante conhecido como organista do Coro do Tabernáculo durante cinquenta e três anos, até sua aposentadoria em 1977.

Seja atuando no Serão de Natal da Primeira Presidência no Tabernáculo da Cidade do Lago Salgado, seja cantando na posse do presidente dos Estados Unidos, participando de festivais de música profana

Participando das comemorações nacionais do Bicentenário da Independência, em 1976, o coro visitou a cidade de Nova York, e cantou nos degraus do histórico Tribunal Federal onde George Washington, presidente dos Estados Unidos, prestou juramento ao assumir o cargo em 1789.

ou levando ao ar a transmissão semanal, o Coro do Tabernáculo Mórmon empresta à sua música mais que vozes muito bem afinadas e números muito ensaiados. O que toca o coração de milhões de pessoas é o espírito de trezentas testemunhas do evangelho unidas musicalmente naquilo que é, de fato, “o coro do Senhor”.



TRANSPORTAR OS 500

Como será que o contingente do coro, composto por quinhentas pessoas, é transportado da Cidade do Lago Salgado para a Europa, América Central ou Japão?

Não é fácil, mas tudo é cuidadosamente planejado pelo presidente do coro, Wendell M. Smoot, e seu gerente comercial, Udell E. Poulsen. Geralmente o planejamento começa dois anos antes de uma viagem marcada. No entanto, para a viagem de agosto de 1985 ao Japão, a notícia foi dada com menor antecedência, e o coro teve apenas um ano e meio para tomar as providências. E por ser agosto um mês de muito movimento nas empresas aéreas, o coro não conseguiu fretar um voo direto da Cidade do Lago Salgado até Osaka. Por isso, viajaram em quatro voos comerciais diferentes para cidades na costa oeste dos Estados Unidos e depois em três voos diferentes para Osaka, via Tóquio. Depois que os trezentos integrantes do coro, os cônjuges acompanhantes — pagando suas próprias despesas — e a equipe técnica e administrativa chegaram a Osaka, precisaram de duzentos e noventa e sete quartos de hotel para alojá-los. Segundo o Irmão Poulsen, despachar os mil volumes que constituem a bagagem do coro é sempre “o aspecto mais difícil” de uma viagem. Mas, com um planejamento detalhado e a prática anterior, ele dinamizou um sistema pelo qual a bagagem certa acaba no quarto de seu respectivo dono.

A alegria dos membros do coro ao fazerem viagens especiais e a oportunidade de divulgar o evangelho através da música, fazem todo o planejamento e esforço valerem mesmo a pena, diz ele. ■

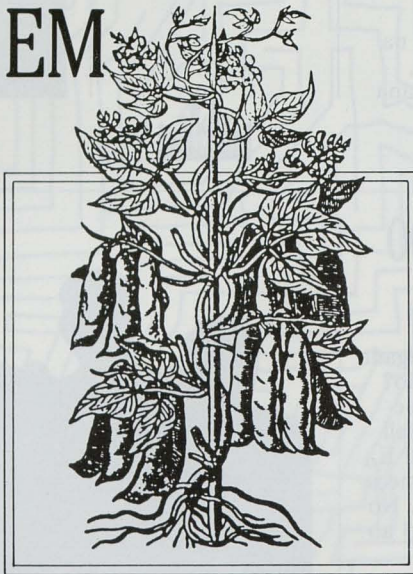


Para alegria dos novos amigos, alguns integrantes do coro experimentam roupas japonesas tradicionais durante sua visita a Osaka, em 1985.

O público de Osaka, Japão, não apenas viu o coro ao vivo em 1985, como também numa tela gigante conforme se vê nesta foto do ensaio.



BANYAN DADSON: ENCONTRAR O EVANGELHO EM



Homens como Banyan Dadson são raros na pequena nação africana de Gana. Não só é muito instruído, mas também um santo dos últimos dias num país onde a Igreja é relativamente nova. Anteriormente professor de química, o Irmão Dadson é agora o vice-reitor da Universidade de Cape Coast, Gana.

Convertido à Igreja há cerca de seis anos, o Irmão Dadson sonha com o dia em que as agulhas de templos se ergam por todo o céu da África central, e seus compatriotas se filiem à Igreja em grande número. Em Gana, a Igreja já tem mais de dois mil membros, com até cinquenta batismos a cada semana. — A Igreja atende às necessidades de meu povo — explica ele com simplicidade.

Quando menino, Banyan era tão atento aos seus serviços metodistas, que freqüentemente conseguia repetir sermões inteiros, e logo se tornou conhecido das crianças como “o sacerdote”. Quando muitas perguntas não respondidas o deixaram insatisfeito, foi levado a filiar-se a um grupo informal de cristãos que estudava as escrituras, mas teve dificuldades para aceitar a doutrina de sermos salvos somente pela graça. A fé sem obras era uma doutrina que causava um profundo conflito nele. — Todo cristão deve *demonstrar* que

GANÁ

Laurie Williams Sowby

acredita no Senhor — diz o Irmão Dadson.

Aos vinte e dois anos, Banyan separou-se do grupo e filiou-se a outra irmandade religiosa. O grupo deu-lhe o apoio espiritual de que precisava nos oito anos seguintes, enquanto obtinha os graus de bacharel, mestre e doutor em química orgânica. — A irmandade proibia o álcool, o tabaco e a imoralidade, e até mesmo tinha uma história semelhante à experiência de Joseph Smith — lembra o Irmão Dadson.

Ele voltou para Gana depois de obter seu doutorado na Universidade de Cambridge, Inglaterra, e assumiu

o cargo de professor de Química na Universidade de Cape Coast. Passou os dez anos seguintes na carreira acadêmica, casou-se e começou uma família — desligado de qualquer grupo religioso. Nessa época, entrou em contato com o “Reverendo” Billy Johnson, que, tendo encontrado alguns exemplares do Livro de Mórmon, começou, sem autoridade oficial, uma Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Banyan assistiu a uma reunião da igreja, mas não conseguiu aceitar os tambores e danças tribais que faziam parte dos serviços.

Oito anos depois, Billy Johnson deu ao Irmão Dadson exemplares do Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios, Pérola de Grande Valor e *Princípios do Evangelho*, junto com a notícia de que missionários mórmons haviam recentemente reorganizado a igreja local, fundamentada no sacerdócio. O Irmão Johnson havia sido batizado e fora chamado como primeiro presidente do distrito.

Banyan decidiu dar à nova religião mais uma oportunidade. Desta vez, ele assistiu a uma reunião sacramental segundo o padrão SUD com os hinos gravados em fita cassete. À medida que aprendia mais sobre o evangelho, percebeu que finalmente encontrara a igreja que estivera procurando. Logo



Banyan Dadson, segundo da esquerda para a direita, com a esposa e seis filhos.

foi batizado, seguido pelos quatro filhos mais velhos de um total de seis e, depois de algumas semanas, por sua esposa Henrietta.

O Irmão Dadson começou a dedicar mais tempo à família, e até mesmo a fazê-los levantarem-se às cinco horas da manhã para a oração e estudo das escrituras. O efeito na família foi impressionante.

— As pessoas me diziam que notavam uma diferença marcante para melhor em meus filhos — relembra ele. Sua irmã e seu irmão também notaram e logo se filiaram à Igreja. Kwamena Dadson é agora presidente do Ramo Cape Coast, e sua Irmã Elizabeth Kwaw é presidente da Sociedade de Socorro.

Alguns meses após o batismo do Irmão Dadson, ele se tornou o primeiro presidente do quorum de élderes do ramo, e na primavera de 1982, foi chamado para ser o segundo conselheiro do Distrito de Gana.

O Irmão Dadson afirma que sua filiação à Igreja é responsável pelo sucesso em sua carreira. Em 1981, foi nomeado presidente do corpo docente da universidade, cargo que ocupou até sua indicação como vice-reitor, em maio de 1985. — A Igreja me tornou um professor e líder mais eficiente — explica ele, citando habilidades como organizar o tempo,

usar seu talento e energia com mais eficiência, e relacionar-se melhor com as outras pessoas. — Ao lidar com o pessoal, sou compelido pela lei de Cristo a mostrar amor.

Além dos progressos no trabalho e na família, o evangelho trouxe um outro benefício. — Antes, eu era atormentado pelo medo, mas isso acabou. Sinto uma confiança sólida; tenho segurança no Senhor.

No verão de 1983, o Irmão Dadson passou dois meses como professor convidado de Química, na Universidade Brigham Young. Foi sua primeira viagem a Utah, embora tivesse feito conferências como especialista da Fundação Fulbright e convidado do Departamento de Estado dos Estados Unidos em várias universidades do país.

Embora a família permanecesse em Gana, o Irmão Dadson aproveitou sua estada de dois meses para ir ao Templo de Provo e receber seu endowment. Desde aí, dificuldades econômicas o têm impedido de levar sua família ao templo, mas ele diz que “não descansarei enquanto não levar minha esposa e filhos a um templo para sermos selados”.

Os Dadson e seus seis filhos, cuja idade varia dos dez aos vinte e um anos, participam de atividades típicas com os membros do ramo, como

peças de teatro, danças nativas, futebol e trabalho na fazenda usada para o plano de bem-estar, onde são cultivados milho, feijão e outros vegetais.

Preocupado com as necessidades de seus compatriotas com referência à alimentação e outros suprimentos, o Irmão Dadson é um dos três curadores dos Amigos da África Ocidental (Gana), organização não-sectária dedicada à obtenção e distribuição de suprimentos médicos gratuitos para hospitais, clínicas e vilarejos.

A família Dadson planeja ficar em Gana e ajudar a Igreja a crescer, esperando que seus filhos façam a mesma opção. ■

Laurie Williams Sowby, escritora independente, é professora da Escola Dominical na Ala American Fork, Utah.

Não Pude Encontrar

Walter Swan

Eu disse ao bispo que tinha todas as bênçãos de que precisava. Não precisava cumprir uma missão para ter mais.

Minha mulher e eu estávamos levando uma vida confortável. Eu estava aposentado e havíamos pago todas as nossas dívidas. Tinha uma bela oficina de carpintaria em casa, com todos os tipos de ferramentas que um homem de idade poderia almejar. E tinha uma horta de aproximadamente um a um hectare e meio, e várias colmeias de abelhas que representavam uma pequena renda extra.

Estávamos satisfeitos, também, com o serviço que havíamos prestado na Igreja no decorrer dos anos desde que fôramos batizados. Eu era setenta havia vinte anos e tivera experiências missionárias na localidade. Tornei-me sumo sacerdote e estava lecionando numa classe da Escola Dominical, designação da qual estava realmente gostando. Sentíamos que tínhamos feito tudo o que o Senhor exigia de nós, e o resto da vida era para ser aproveitado.

Então o bispo veio ver se estávamos dispostos a cumprir uma missão de tempo integral. Eu recusei, dizendo-lhe que havia feito tudo o que o Senhor me havia pedido, e que os rapazes e moças de quinze e dezesseis anos que estavam na minha classe da Escola Dominical ainda precisavam de mim. — Além disso — disse eu, — tenho todas as bênçãos que quero.

Eu estava em minha horta certa manhã, quando me ocorreu que tinha bênçãos a compartilhar. Finalmente decidi aceitar o chamado para a missão.

Aproximadamente um ano depois, ele voltou a tocar no assunto.

— Walter — disse ele, — tenho orado muito a respeito. Quero que saiba que o Senhor quer que você cumpra missão. Você me disse que tem muitas bênçãos e não precisa de mais. Está ótimo. Mas existem muitas outras pessoas que precisam de algumas bênçãos que só você lhes pode dar. Sua esposa necessita delas, a ala necessita delas, e seus filhos necessitam delas, isso para não falar de todas as pessoas com as quais você entrará em contato no campo missionário. Pense nisso.

Pensei a noite inteira. Sabia que minha mulher apoiaria qualquer decisão que eu tomasse. O problema era que eu não conseguia tomar uma decisão.

Na manhã seguinte, eu estava em pé, antes do amanhecer. Saí de casa e sentei-me numa colmeia vazia e esperei até que estivesse suficientemente claro para ir à horta e apanhar cantalupos (uma espécie de melão) para o desjejum.

Ao sentar-me para comer, olhei para todas as coisas materiais que eu vinha carregando comigo nos últimos vinte e cinco anos, para onde quer que mudássemos. Eu havia usado alguns desses bens, e dado alguns para meus amigos e vizinhos. Mas eu ainda tinha muitas coisas boas que

não estavam sendo usadas e não faziam nenhum bem a quem quer que fosse.

Naquele momento, veio-me à mente um pensamento: — Estou na Igreja há vinte e seis anos agora, e adquiri muito conhecimento do evangelho. Usei parte desse conhecimento e dei parte dele a meus amigos e vizinhos. Mas há uma boa parte dele aqui parado que não está sendo usado, e ninguém está tirando proveito dele.

Levantei-me imediatamente e entrei em casa. — Vamos sair em missão — disse à minha mulher.

Telefonei ao bispo. — Estamos prontos para ir. Apronte a requisição para a missão e diga-nos o que precisamos fazer.

Posteriormente, comecei a desejar não ter dito nada. Mas, a essa altura, nós já tínhamos comunicado nossa



em uma Boa Desculpa

decisão a todos os membros da ala. No entanto, quanto mais pensava a respeito, menos desejava ir.

Uma semana antes de partir para o Centro de Treinamento Missionário, comecei a ter dores no peito, uma desculpa ideal para não sair em missão. Mas, por alguma razão, não me aproveitei do fato. O bispo me deu uma bênção, e eu me senti melhor.

No centro de treinamento, comecei a ter novamente dores no peito e fui ao hospital para ver qual era o problema. O médico me examinou e disse que era apenas resultante de muita tensão e que eu estaria bem, se levasse as coisas com calma. Foi o que fiz, e comecei a me sentir muito melhor. Mas eu ainda continuava procurando aquela boa desculpa.

Depois que chegamos à "nossa" missão na Flórida, disse a mim mesmo: — O que estou fazendo aqui? Estou com saudades de casa. Não consigo suportar todas essas árvores tão em cima de mim; preciso de mais espaço aberto. Se, pelo menos, nunca tivesse dito ao bispo que faria isto! O que posso fazer de bom aqui? Senti-me completamente deslocado.

Uma noite, o presidente do ramo nos pediu que visitássemos um casal que havia recebido as palestras missionárias duas ou três vezes. Eles eram boas pessoas, mas não se haviam filiado à Igreja.

— Leve-nos a eles — disse eu.

Fomos visitá-los e, em menos de

trinta minutos, tínhamos marcado uma data para o batismo com o marido. Três semanas após termos chegado ao campo de trabalho, nós o batizamos.

Quando nosso presidente de missão soube do fato, ficou encantado. Não houvera nenhum batismo na área de nossa missão em mais de um ano, e apenas seis nos últimos cinco anos. Isso me deu o incentivo de que precisava.

As coisas começaram realmente a acontecer depois daquilo; apareceram pessoas que não compareciam à Igreja havia anos; notamos um maior sentimento de amor e união entre os membros do ramo; e batizamos a esposa daquele primeiro contato.

Então recebemos uma referência da Cidade do Lago Salgado e batizamos um outro homem, o primeiro negro a se batizar em nossa área. Ele nos disse que havia orado por muito tempo para que o Senhor lhe mandasse alguém que lhe pudesse dizer qual era a igreja verdadeira. E também que, quando batemos pela primeira vez à sua porta, ele viu uma luz brilhando à nossa volta, e nesse exato momento ele soube que suas orações haviam sido respondidas. Ele foi batizado pouco depois disso.

Ainda estamos usufruindo nossa missão. Na semana passada, batizamos outro casal, o irmão de nosso primeiro contato. São todos pessoas especiais, e estamos vibrando com o que está acontecendo por aqui.

Sinto-me bastante arrependido de minha atitude lá em casa a respeito de sair em missão. Embora seja uma

das coisas mais difíceis que fizemos na vida, as recompensas têm sido imensuráveis. Descobri que eu *realmente* precisava de mais bênçãos. Mal podemos conter a alegria e felicidade que sentimos. Minha mulher e eu crescemos mais e nos temos sentido como há muito, muito tempo não nos sentíamos.

Mais importante que isso, porém, é que descobrimos que o bispo estava certo quanto ao fato de outras pessoas precisarem de bênçãos também. Descobrimos que existem muitas criaturas que precisam das bênçãos do evangelho, bênçãos que nós, missionários, podemos compartilhar com elas. Gostaria de que os casais de toda a Igreja soubessem o quanto são necessários para compartilhar com outras pessoas o conhecimento e a experiência que adquiriram na Igreja. Se conhecessem a alegria que a obra missionária poderia trazer a eles e a outras pessoas, não hesitariam em ir.

Nada se pode comparar à promessa do Senhor:

"E se acontecer que, se trabalhades todos os vossos dias, proclamando arrependimento a este povo, e trouxerdes a mim, mesmo que seja uma só alma, quão grande será a vossa alegria com ela no reino de meu Pai!

E agora, se a vossa alegria for grande com uma só alma que trouxerdes a mim no reino de meu Pai, quão grande será a vossa alegria, se me trouxerdes muitas almas!" (D&C 18:15-16.)

O Senhor não garantiu que seria fácil, mas disse na verdade que valeria a pena. E vale! ■



Ilustrado por Lynn Farrer

CONFIANÇA NO SENHOR

Todas as suas decisões, especialmente as importantes, ficarão mais fáceis se orarem com fé, confiando realmente no Senhor.

Elder Gene R. Cook
do Primeiro Quorum dos Setenta

Gostaria de dirigir-me aos jovens desta geração magnífica que o Senhor está levantando para cumprir seus propósitos. Vocês estão no limiar de algumas das descobertas e decisões mais importantes da vida. Nelas estão incluídas a descoberta de si mesmo e do seu potencial, a decisão de cumprir missão, decisões referentes aos estudos e profissão, a escolha do futuro emprego e a descoberta do companheiro eterno e casamento no templo. Gostaria de lhes contar quatro experiências verídicas diretamente relacionadas com essas descobertas e decisões importantes.

Acreditar no Próprio Potencial Divino

Como vocês descobrem seu potencial? A mente do homem não tem limites. Vocês são filhos e filhas de Deus. Somos todos feitos à imagem de nosso Pai.

Há alguns anos, um rapaz que chamarei de Jim estava na sétima série. Era um pouco mais alto que os outros rapazes, e se saía bem no basquete e na pista de atletismo. No entanto, no decorrer do ano, o treinador do time de basquete começou a lhe dizer: — Jim, fique sentado. Você não sabe jogar. É desajeitado demais! Numa partida, ele disse: — Não, não precisamos de você. Fique aí. Você não sabe correr. Não consegue arremessar a bola. Não é suficientemente rápido. Isto continuou por vários meses. Finalmente, Jim começou a acreditar no que lhe estavam dizendo a seu próprio respeito. Parou de jogar basquete, tanto na Igreja como na escola. Parou de correr. Durante o curso colegial, evitou os esportes na medida do possível. No primeiro ano de faculdade, exigia-se um pouco de

atletismo, mas ele fez o menos possível.

Aos dezanove anos, encontrou-se sozinho em missão numa terra distante. Lá descobriu que os ônibus não paravam para que as pessoas subissem ou descessem. Assim, os missionários tinham que aprender a tomar o ônibus correndo.

Uma tarde, Jim e seu companheiro estavam a uma quadra ou duas do ponto de ônibus, quando o viram chegando. O outro disse: — Corra, élder, ou vamos perder nosso próximo encontro. Para grande surpresa de Jim, ele venceu o companheiro na corrida até o ponto do ônibus. Depois, na mesma tarde, Jim proposadamente arranhou algumas corridas para pegar ônibus, vencendo seu companheiro todas as vezes.

Ele estava surpreso, quase não podia acreditar, porque sabia que seu companheiro havia recebido vários prêmios de melhor corredor de seu estado natal. Jim estava radiante. Poderia ser verdade? Correram novamente. Ele venceu.

Repentinamente, Jim chegou à terrível conclusão de que havia desperdiçado sua capacidade atlética. Poderia ter sido um excelente atleta, mas acreditara na opinião de outra pessoa a seu respeito. Jim começou a questionar seriamente outras atitudes negativas em relação a si próprio. Talvez elas também fossem falsas.

Espero que vocês estejam nesse mesmo processo agora. Alguém os convenceu de que não são bons em música, ou matemática, ou de que serão sempre um “peso pesado”? Reavaliem suas atitudes. Cada um de nós tem grandes dons, mas muitos de nós nos limitamos demais com atitudes negativas em relação a nosso potencial.

O Senhor disse: “Como (o homem)

imaginou na sua alma, assim (ele) é.” (Provérbios 23:7.) E novamente: “Se tu podes crer, tudo é possível ao que crê.” (Marcos 9:23.) Ninguém chega mais alto do que lhe permitem suas convicções e pensamentos em relação a si mesmo.

Confiem no Senhor; ele os ajudará a abrir a porta aos dons que vocês mal começaram a reconhecer e usar. Há literalmente um gênio trancado em cada um de nós. Não deixem que ninguém os convença do contrário.

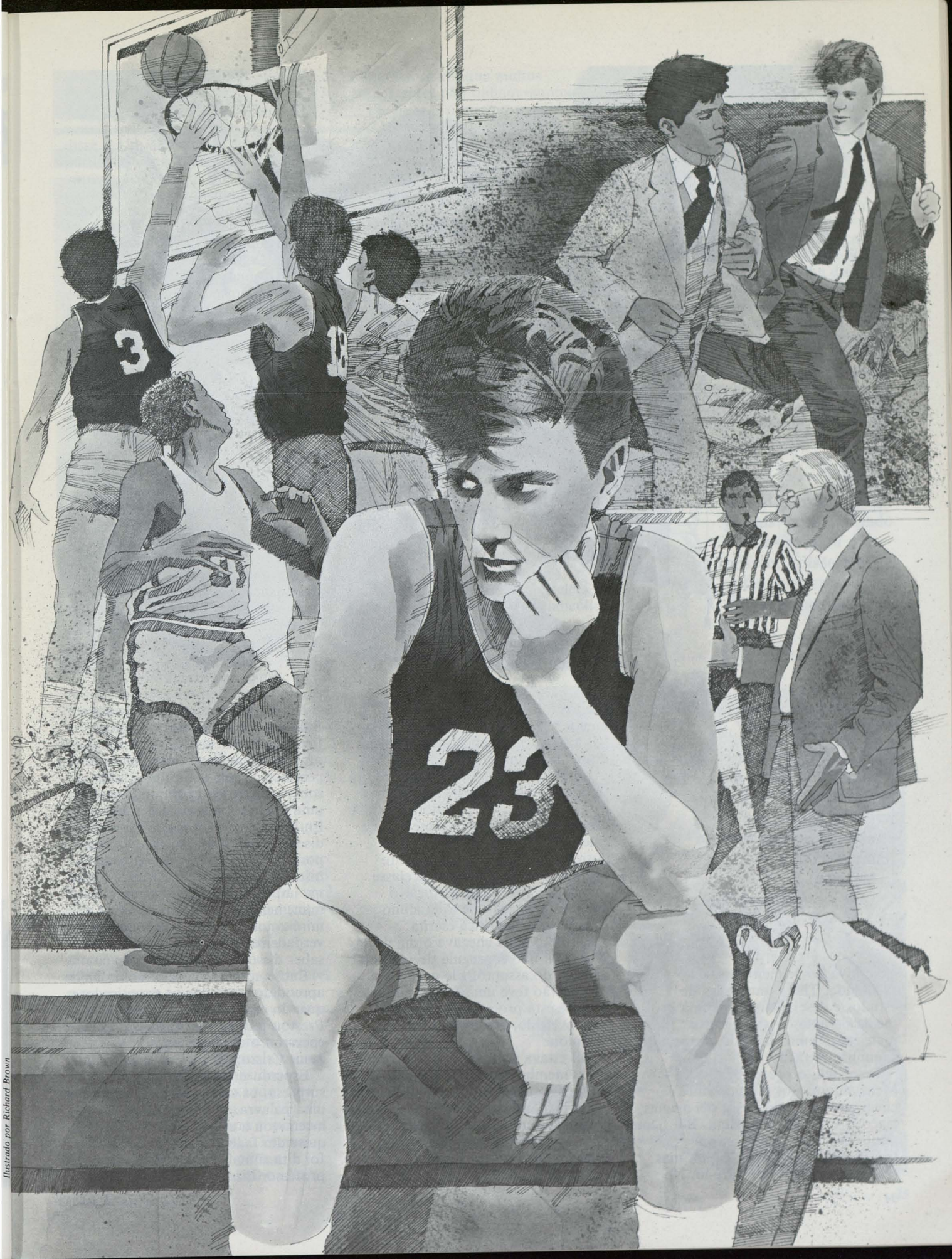
Vocês devem lembrar-se de que Jim descobriu seu verdadeiro eu no campo missionário. O Senhor não nos ensinou que aquele que salvar sua vida, perdê-la-á, e que aquele que perder sua vida no serviço ao próximo, achá-la-á? (Ver Mateus 16:25.) Descubram-se! Se ainda não o fizeram, cumpram missão. Procurando servir ao Senhor, vocês também se encontrarão.

“E agora, este chamado e mandamento te dou, concernente a *todos os homens* — ...serão ordenados e enviados a pregar o evangelho eterno às nações — clamando arrependimento.” (D&C 36:4-6.)

Confiar na Inspiração do Espírito

Permitam-me que lhes conte a experiência de outro rapaz, que chamarei de Bill. Aos dezoito anos,

Jim poderia ter-se destacado no atletismo, mas acreditara na opinião negativa de outros a respeito dele e de sua capacidade.



Ilustrado por Richard Brown



Esperando não ofender ninguém em seu curso de oratória, Bill anunciou que o assunto de seu discurso seria o Livro de Mórmon.

ele estava no primeiro ano da faculdade. Tinha uma bolsa de estudos e desejava manter uma boa média de notas. Assim, ele se matriculou num curso de oratória que supunha ser fácil.

Certo dia, o professor disse: — Meus alunos, nos últimos vinte e cinco anos de magistério, dei apenas cinco “A”, a nota máxima. Bill ficou muito decepcionado. Tentou transferir-se para outro curso, mas era tarde demais para fazê-lo. No

decorrer dos meses, recebeu “B”, “B menos”, e, de vez em quando, um “B mais”, mas nunca um “A”. Ele estava desanimado.

Então chegou o momento do último discurso do semestre, que determinaria metade da nota final. A designação era falar durante vinte e cinco minutos, defendendo uma posição a respeito de um assunto controverso. Os alunos da classe teriam permissão para criticar o discurso oralmente, e cada aluno entregaria uma crítica escrita.

À medida que chegava o dia de falar, Bill não conseguia decidir-se a respeito do assunto. Ele orou para isso. Então teve uma forte impressão: Se você está procurando um assunto controverso, escolha o Livro de Mórmon.

Bill estava receoso. Sabia que era o único membro da Igreja na classe. Seu professor, membro ativo de uma igreja protestante, havia feito citações da Bíblia durante todo o semestre e deixado claro que considerava a Bíblia a única revelação de Deus ao homem.

No dia da apresentação, quando Bill anunciou o assunto, a classe ficou muito silenciosa. Esperando não ofender ninguém — especialmente seu professor — ele começou a falar sobre o Livro de Mórmon dentro de uma estrutura histórica e acadêmica. Então, aproximadamente no meio do discurso, sentiu o Espírito. — Não posso simplesmente abordar o lado histórico do livro — pensou. — Não me importo com o que pensem de mim, nem com o que aconteça à minha nota. O Livro de Mórmon é verdadeiro, e todos eles deveriam saber disso.

Então começou a falar como havia aprendido a ensinar os pesquisadores quando era missionário de estaca. Prestou testemunho várias vezes e até encerrou o discurso em nome de Jesus Cristo.

Esperou o ataque. Para sua surpresa, os alunos não disseram nem uma palavra. O professor os incentivou a criticarem, mas eles não quiseram fazê-lo. Nem uma palavra foi dita. Finalmente, frustrado, o professor disse: — Sente-se, Bill.

As opiniões escritas dos alunos foram todas positivas. Quatro ou cinco escreveram: "Você quase me convenceu da veracidade daquilo que disse." Um aluno, que se mostrara particularmente crítico em relação à apresentação dos outros alunos, escreveu: "Eu realmente gostaria de saber mais a respeito de sua igreja." Para alegria de Bill, ele recebeu um "A" naquela aula. Mas, mesmo que tivesse sido reprovado na matéria, ainda assim seria abençoado por seus esforços em seguir a inspiração do Espírito. O Senhor ordenou a todos nós que servíssemos de "testemunhas de Deus em qualquer tempo, em todas as coisas e em qualquer lugar em que nos encontremos". (Mosiah 18:9.) Ele verdadeiramente abençoa aqueles que, na fé, "não se envergonham do evangelho de Cristo". (Romanos 1:16.)

Se já não aconteceu, certamente terão de enfrentar o mundo, exatamente como esse rapaz. Quanta fé vocês terão? Todas as suas decisões, especialmente as *importantes* — casamento, missão, escola, profissão — serão tomadas mais facilmente, se vocês orarem com fé, confiando no Senhor, e depois seguindo a inspiração do Espírito.

Guardar os Mandamentos

Devemo-nos certificar sempre de tomar decisões em harmonia com os mandamentos. Obedecer significa que confiamos na sabedoria e amor do Senhor. A história de outro rapaz, que chamaremos de Fred, ilustra isso. Quando Fred tinha onze anos, conseguiu um emprego como entregador de jornais de porta em porta e realmente começou a prosperar. Aos dezesseis anos continuava entregando jornais. Certo dia, o gerente do jornal, um membro inativo da Igreja, disse: — Fred, você têm sido tão leal e tido tanto sucesso na venda de assinaturas, que vou indicá-lo para subgerente de circulação deste jornal. Você supervisionará os outros entregadores e os ensinará a vender assinaturas. Depois da escola, assim que terminar sua entrega, virá ao escritório para trabalhar duas ou três horas. Você poderá fazer as tarefas escolares nos intervalos dos telefonemas dos fregueses. Considerando tudo, será um ótimo trabalho para você. E, a propósito, seu salário será triplicado.

Fred ficou maravilhado. Estava economizando dinheiro para a missão. Esse era um trabalho ideal,

numa época em que muitos adolescentes não tinham emprego.

Ele disse a si mesmo repetidamente: — O Senhor verdadeiramente abençoa aqueles que guardam os mandamentos. Sabia que havia sempre pago o dízimo, santificado o Dia do Senhor e honrado o sacerdócio.

Depois de um ano e meio de sucesso, George, o gerente do jornal, abordou-o com outra oportunidade. — Sabe, Fred, daqui a uma semana, você começará a entregar o jornal de domingo. Além da entrega pela manhã, terá que ficar no escritório aproximadamente das 7 às 14 horas. Você receberá também trinta por cento de aumento no salário.

Quando Fred não pareceu ficar muito feliz com a notícia, o gerente rapidamente acrescentou: — Sei que você é mórmon, e talvez esteja pensando em não aceitar essa responsabilidade a mais. Mas, se você não aceitar o trabalho, perderá sua freguesia e será demitido também de seu trabalho durante a semana. Muitos de meus outros entregadores fariam qualquer coisa para ter o seu posto.

Ao voltar para casa de bicicleta naquele dia, Fred estava melancólico.

Orou repetidamente: — Como isso pôde acontecer, Pai Celestial? Tenho guardado os mandamentos. Tenho procurado fazer o que é certo. Tenho pago o dízimo. Estou querendo sair em missão. Agora posso perder o emprego. Devo assumir esse trabalho extra no domingo ou não?

Ele explicou o problema ao pai, que sensatamente respondeu: — Eu não sei a resposta, mas conheço alguém lá em cima que sabe. Fred falou com o bispo, que lhe disse aproximadamente a mesma coisa. Durante dois dias inteiros Fred orou e lutou. Ele sabia que podia assistir à reunião sacramental em outra ala à tarde.

Quando o patrão lhe perguntou o que decidira, Fred respondeu: — Gosto do meu trabalho e da minha rota de entregas, mas não posso

Fred entregava jornais, economizando o dinheiro para a missão; - disseram-lhe então que teria de trabalhar aos domingos.



trabalhar no domingo. Não é certo.

— Você está despedido! — disse George, com raiva. — Venha no sábado receber seu último pagamento. Você é um rapaz muito ingrato!

Nos dias seguintes, o gerente mal falou com Fred. Mas sempre que Fred se perguntava se havia tomado a decisão correta, a resposta parecia ser a mesma: — Pode haver pessoas obrigadas a trabalhar no domingo, mas você não precisa, e não deve.

Quando Fred foi receber seu último cheque, encontrou George esperando-o.

— Fred, por favor, perdoe-me — disse. — Eu estava errado. Não deveria ter tentado fazê-lo agir contra suas crenças. Encontrei um rapaz de outra religião que está querendo fazer um trabalho extra no domingo. Você pode continuar no seu emprego. Quer?

Com o coração grato, Fred respondeu: — Quero, sim.

O gerente então acrescentou: — Você encontrará o aumento de trinta por cento que teria pelo trabalho aos domingos incluído em seu cheque de agora em diante.

Que grande alegria enchia o coração de Fred, ao voltar para casa naquela tarde. — Vale a pena guardar os mandamentos do Senhor — dizia a si mesmo. É claro que valeria a pena, mesmo sem a recompensa do aumento de salário. Um ano depois, quando fez seu último discurso antes de partir para a missão, Fred ficou muito contente por ver seu gerente na congregação. E mais contente ficou quando, há alguns meses, soube que depois de vinte e seis anos de inatividade, George é agora líder fiel do grupo dos sumos sacerdotes na ala.

As decisões referentes a emprego, missão, casamento e profissão realmente são difíceis. Mas, quando confiamos no Senhor e guardamos seus mandamentos, ele realmente faz com que todas as coisas “revertam para nosso bem”. (D&C 90:24.) Tenham o cuidado de nunca transigir quanto aos princípios nos quais acreditam. Lembrem-se de sempre confiar no Senhor.

Manter a Fé, apesar da Oposição

Citarei um último exemplo de outro rapaz. Vamos chamá-lo de John. John ficou bastante doente enquanto servia em sua missão numa terra distante. Teve tantos problemas digestivos sérios, que o presidente de

missão estava pensando em mandá-lo para casa. Um dia, enquanto andava, sentiu uma dor tão forte no pé, que não conseguiu chegar ao local da palestra que ele e o companheiro haviam marcado.

O médico diagnosticou artrite causada pelo tempo úmido e sugeriu que ficasse sem andar por alguns dias.

O jovem missionário assim fez. Também recebeu uma bênção do sacerdote, mas nada aconteceu. John era líder de distrito na missão na época, e os missionários de seu distrito mal haviam começado a batizar numa cidade onde não houvera batismos durante muito tempo. Ele não entendia como o Senhor podia permitir que perdesse tanto tempo precioso, quando seu distrito estava apenas começando a ter sucesso.

Uma semana se passou, duas semanas, três semanas, um mês, sem nenhuma melhora. Finalmente ele foi levado para a capital, onde havia mais recursos médicos. Um raio X revelou uma fratura mal consolidada num osso do pé. Os médicos tentaram, com tratamentos elétricos especiais, soldar o osso de maneira correta, mas o tratamento não ajudou. Esse problema, somado aos outros, deixou-o bastante desanimado. Novamente pensou-se em mandá-lo para casa.

Certa manhã, depois de quase três meses, ele saiu da cama e descobriu que não sentia nenhuma dor no pé. Apoiou-se no pé com cuidado, depois bateu o pé, e então correu com seu companheiro um quilômetro, totalmente curado. Com grande alegria, voltou imediatamente a trabalhar no distrito da missão.

Passadas duas semanas, chegou uma carta de casa, que começava assim: “Querido filho.” Depois, seguia-se um parágrafo ou dois de repreensão por não ter contado à família seus problemas de saúde. Eles haviam tomado conhecimento deles por outro missionário, amigo seu, que havia escrito para casa. Com grande amor, escreviam: “A família toda começou a jejuar e a orar constantemente por você. Também colocamos seu nome na lista de oração do templo, e esperamos que isto o ajude.”

Ao ler a carta entre lágrimas e examinando seu diário, descobriu que o dia em que levantara da cama curado, era o mesmo em que a carta havia sido escrita, o dia exato em que sua família começara a orar e exercer

fê em benefício do filho distante.

Como isso poderia acontecer a uma distância de onze mil quilômetros? Suponho que ninguém saiba, mas a realidade do poder da fé não pode ser negada. Ao enfrentar qualquer oposição, confiem no Senhor. Mesmo que a oposição continue quase além do suportável, continuem a confiar no Senhor.

A vida é uma luta. Mas as promessas do Senhor são infalíveis. Todos vocês hão de enfrentar problemas e decisões importantes. Mas tudo pode ser resolvido, se confiarem no Senhor.

O Senhor realmente é a resposta para tudo. Ele é quem pode revelar-lhes seu potencial e ensinar-lhes quem são e o que devem fazer.

Em conclusão, farei estas poucas sugestões que os ajudarão a se achegarem ao Senhor e a confiarem nele:

1. Orem ao Senhor, procurando continuamente revelação durante o dia. (Ver 2 Néfi 9:52.)

2. Leiam as escrituras diariamente, nem que seja por alguns minutos. Elas lhes darão orientação neste mundo e os ensinarão a respeito do mundo vindouro.

3. Exerçam fé e mantenham as coisas do Espírito como prioridade na vida, tudo o mais lhes será devidamente acrescentado.

4. Procurem fazer a vontade do Senhor, não a sua, humilhando-se e arrependendo-se ou modificando seu comportamento quando necessário.

5. Amem as outras pessoas; sirvam-nas. Alimentem o rebanho do Senhor.

6. Guardem os mandamentos com exatidão.

Lembrem-se de que o Senhor por fim fará prosperar aqueles que guardam seus mandamentos. Ele disse: “E se os filhos dos homens seguirem os mandamentos de Deus, ele os *nutrirá, fortalecerá e lhes dará meios* pelos quais poderão cumprir as coisas que ordenou.” (1 Néfi 17:3; grifo nosso.)

Presto testemunho quanto ao fato de que, se vocês guardarem os mandamentos, ele os alimentará, fortalecerá, e lhes dará meios para realizar todas as coisas necessárias para terminarem fielmente sua missão divina aqui na terra. Que o Senhor os abençoe nas decisões nesta importante época de sua vida.

(De um discurso proferido na devocional da Universidade Brigham Young, em 29 de maio de 1984.)

DE ALÉM DO VÉU

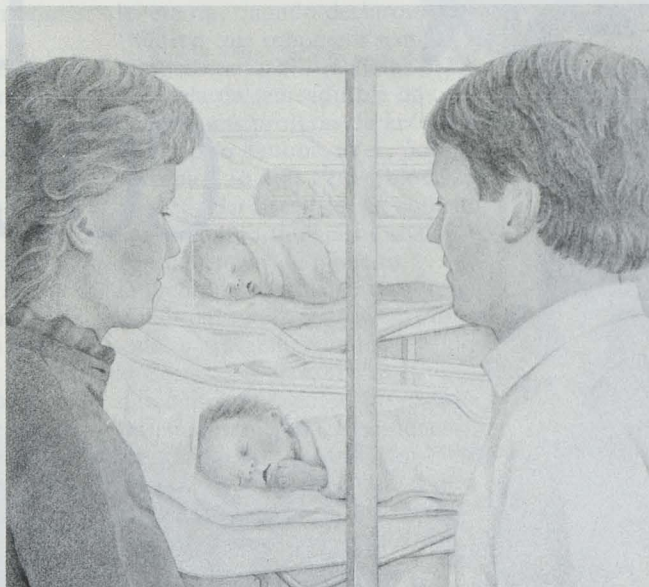
Owen C. Bennion

Durante as longas horas da noite, mantive uma vigília solitária junto à janela do berçário no qual um menininho lutava para respirar. Na véspera, viéramos às pressas de nossa fazenda distante, quase cento e sessenta quilômetros para o hospital. O bebê nascera pouco depois de nossa chegada, seis semanas antes do prazo. Parecia um garoto lindo e saudável, mas o médico nos disse que seus pulmões ainda não estavam bem desenvolvidos, e que ele travava uma luta desesperada para respirar.

Pouca horas antes, eu havia dado a Matthew um nome e uma bênção paterna. Ao abençoá-lo, o Espírito havia-me assegurado que ele seria um dia parte de nossa família.

O pequeno Matthew continuou a lutar pela vida até que sua mãe pôde ir vê-lo no berçário. Ele morreu antes que saíssemos de lá. Parecia-me que esperara apenas que ela o visse uma vez, antes de voltar para seu lar celestial.

O choque da morte de nosso filho deixou minha mulher tão aturdida, que não conseguia chorar. Só depois do breve serviço fúnebre ao lado da sepultura, quando tínhamos voltado para nossa fazenda, que ela conseguiu externar sua



*No berçário do hospital,
um menininho estava travando uma batalha
desesperada, lutando
para respirar e pela própria vida.*

dor. Ela chorou durante muito tempo.

O vazio causado pela perda do filho depois daqueles longos meses de expectativa lhe foi muito difícil. Ela não foi realmente feliz até a chegada do próximo bebê, um lindo e saudável garoto.

No decorrer dos anos, fomos abençoados com muitos filhos. Eles cresceram sentindo que Matthew era uma parte tão integrante da família como eles. Uma de nossas filhas, a mais velha das meninas, tinha uma afinidade

incomum com ele e às vezes sentia sua presença. Certa vez, indo para o trabalho em meio a uma tempestade, senti-o junto de si, velando por ela. Certa noite, ela acordou e viu um jovem de pé, ao lado da cama. Ele dava a impressão de sentir que ela podia vê-lo, e parecia “derreter-se” no ar, como um filme queimado. Essa experiência a assustou, e ela orou para saber quem era o rapaz. Anos mais tarde, ela voltou a sentir a influência de Matthew: quando sua cunhada perdeu um bebê e precisou

de conforto e compreensão.

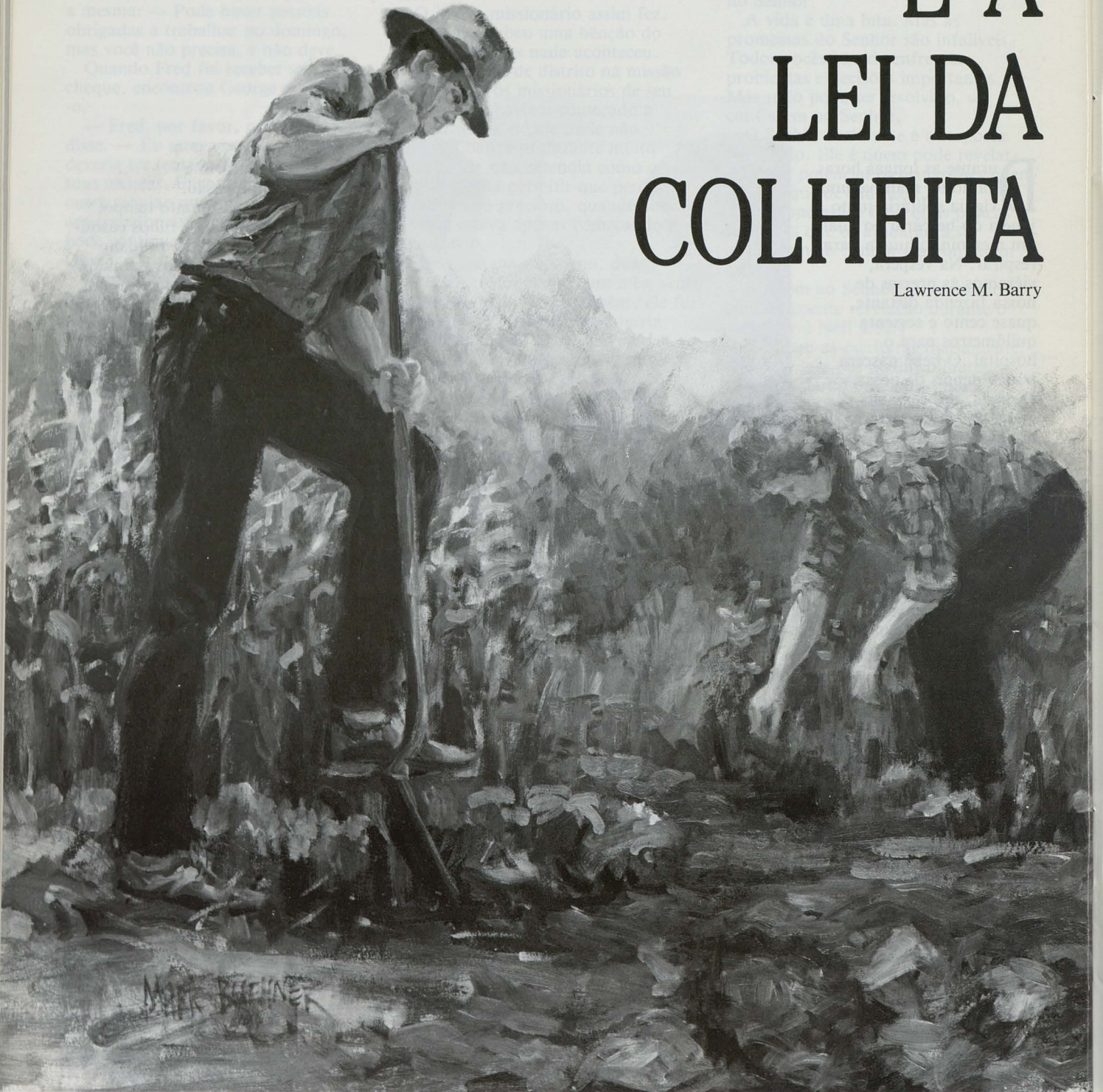
Há não muito tempo, um de nossos filhos casou-se no Templo de Idaho Falls. Estávamos reunidos na sala de selamento para a cerimônia, quando o selador me pediu que eu e a mãe da noiva prestássemos testemunho antes de realizar o casamento. Enquanto falava, notei que minha filha mais velha estava soluçando. Mais tarde, fora do templo, ela nos contou que, quando eu me levantara para falar, Matthew havia entrado na sala acompanhado de tanto poder espiritual, que ela não pôde controlar a emoção. Quando ela estava para sair da sala, atrás de todos os outros, senti alguma coisa cálida tocar seu ombro. Uma voz mansa e delicada havia sussurrado: “Aquele era seu irmão Matthew. Era ele quem estava ao lado de sua cama naquela noite.”

A paz e a alegria que essa bela experiência nos trouxe são inexprimíveis. Que grande conforto saber que somos importantes para Matthew e que ele se preocupa com o que estamos fazendo, e saber que Deus nos ama e nos permitiu sentir a presença de Matthew, para que tivéssemos essa certeza.

Owen C. Bennion é presidente do Ramo Granby, Estaca Joplin Missouri.

O CASAMENTO E A LEI DA COLHEITA

Lawrence M. Barry



Alguns passos que marido e mulher podem seguir para produzir uma colheita abundante de amor.

Elas haviam-se esforçado durante anos para resolver os problemas de seu casamento. Às vezes as coisas melhoravam, mas pouco tempo depois, os mesmos velhos problemas retornavam outra vez... e outra vez.

“Por que é tão difícil ter um bom casamento?”, perguntavam-se. Haviam-se casado no templo, eram ativos na Igreja e tinham quatro filhos maravilhosos, embora absorventes. Ainda assim, tensões e problemas exerciam uma forte pressão em seu relacionamento. Ultimamente suas desavenças pareciam mais freqüentes e menos passageiras, soluções satisfatórias pareciam mais difíceis de encontrar, e os conflitos freqüentemente duravam vários dias.

A certa altura, procuraram ajuda profissional e foram instruídos a usarem várias técnicas. Haviam discutido como ter uma comunicação clara, haviam tentado ouvir de maneira criativa, e realizado uma série de exercícios para a resolução efetiva de problemas. Como resultado, seu casamento recebeu a ajuda necessária e as coisas pareceram melhorar por algum tempo.

Depois de vários meses, no entanto, viram-se novamente afligidos pelos velhos conflitos e, embora tentassem aplicar aquilo que haviam aprendido anteriormente com o conselheiro matrimonial, nada parecia funcionar. À medida que seu casamento se deteriorava, sentiam-se perseguidos por perguntas sem resposta: O que há realmente de errado conosco? Como podemos revitalizar nosso relacionamento? Não existe nada melhor?

A complexidade do dilema desse casal em particular não permite uma solução simples. No entanto, é provável que parte do problema esteja no fato de não conseguirem entender as leis fundamentais que governam a influência recíproca entre as pessoas — leis baseadas no Evangelho de Jesus Cristo. É verdade que esse casal gastou muito tempo e esforço na tentativa de resolver suas

dificuldades, mas eles nunca descobriram a causa de seu problema. Descobri que os casais que têm maior sucesso na edificação de um casamento maravilhoso são aqueles que não apenas desenvolveram habilidades valiosas no casamento, mas, sobretudo, adquiriram uma compreensão dos princípios básicos que norteiam o bom relacionamento.

A Lei da Colheita

O Apóstolo Paulo expressou uma lei eterna, quando declarou que “tudo o que o homem semear, isso também ceifará”. (Gálatas 6:7.) A analogia da sementeira e da ceifa é comum aos profetas de antigamente e ao próprio Senhor. (Ver, por exemplo, Jó 4:8; Provérbios 22:8; D&C 6:33.) Essa “lei da colheita” liga o comportamento e suas conseqüências de maneira inquebrantável que tem um impacto direto em todos os aspectos de nossa vida, e especialmente no casamento.

Como as flores, frutas e hortaliças que cultivamos nosso casamento reflete a natureza das sementes que plantamos. Se tentamos, no decorrer da vida de casados, plantar sementes de amor e harmonia, teremos maior possibilidade de ter uma colheita farta. O oposto, é claro, também pode ser verdadeiro. A qualquer momento, somos a soma de tudo o que semeamos.

É importante perceber que o casamento floresce quando o replantio é um processo constante, quando tanto o marido como a esposa percebem que plantar uma única vez, no início, não assegura uma colheita perene. Cada novo dia deve ser preenchido com plantar, cultivar e carpir. Um dia desperdiçado pode levar à perda de uma semana, ou de um ano, e o jardim tornar-se tomado de ervas daninhas. No entanto, como acontece com os jardins, o casamento negligenciado pode ser renovado com um cuidadoso replantio, cultivo metucioso e muita paciência.

Uma Colheita Solitária?

E quando um dos cônjuges não tem interesse ou disposição para plantar boas sementes, ou remover as ervas daninhas ou cultivar o casamento? E se ele ou ela, por alguma razão, não consegue ver a

Como as flores, frutas e hortaliças que cultivamos, o casamento reflete a natureza das sementes que plantamos.

importância de aplicar os princípios do evangelho ao casamento? Acredito que haja muita verdade na idéia de que a gente pode mudar o casamento, mudando primeiro o próprio eu. Pode ser um processo lento, mas muitos maridos e esposas podem testificar que revidar raiva com raiva não leva a nada, ao passo que modificar seu próprio coração e sua atitude pode operar milagres.

Boas Sementes

Vejamos algumas boas sementes que ajudam a produzir uma boa colheita:

1. *Um relacionamento centralizado em Cristo.* Infelizmente, muitos homens e mulheres são como os astrônomos antigos que, com um conhecimento limitado e instrumentos inadequados, concluíram que o sol e todos os planetas giravam em torno da terra; mais tarde, um inspirado Copérnico mostrou que era o sol o centro da órbita terrestre.

Da mesma forma, muitos casais cometem o erro de alicerçar sua vida em conceitos falsos, como egoísmo, sensualidade ou a aprovação do mundo. Nas tentativas de melhorar seu relacionamento, não conseguem transformar o Salvador num parceiro de seus esforços; acham que a solução tem que estar inteiramente dentro de si mesmos. Ao fazerem isso, não percebem que, a despeito dos valentes esforços para solidificar sua união, o casamento não suportará as tempestades se estiver alicerçado nessas areias movediças e superficiais.

Felizmente, é possível descobrir a paz e a alegria de um relacionamento centralizado em Cristo. Esforçando-se



Ilustrado por Mark Beahner

Orando e estudando diariamente as escrituras, marido e mulher podem ser “unidos em caridade”.

continuamente para aplicar a mensagem do Salvador de caridade e perdão, e orando e estudando diariamente as escrituras, marido e mulher podem ter “seus corações... consolados” e sentir-se “unidos em caridade”. (Colossenses 2:2.)

Um casal que conheço levou esse desafio a sério. Primeiro, reinstituíram o estudo diário das escrituras, que não estava sendo muito constante.

Segundo, restabeleceram o hábito de fazer a oração noturna juntos, e acostumaram-se a agradecer ao Senhor oralmente um pelo outro. Ajoelhando-se lado a lado e ouvindo as expressões de gratidão do companheiro, começou a se estabelecer uma ligação mais profunda entre os dois, uma ligação formada de gratidão e humildade.

Terceiro, começaram a avaliar o que faziam e diziam em termos do que achavam que o Salvador queria que fizessem. Perguntavam a si mesmos, especialmente em momentos de tensão entre os dois: “Como o Salvador gostaria de que eu agisse nesta situação?” Assim começaram a tornar-se mais receptivos à influência do Espírito Santo, o que elevava suas discussões a um nível mais alto e produtivo.

De fato, abençoados são os casais cuja vida gira em torno do Filho.

2. Humildade. Os casamentos felizes são caracterizados por pessoas humildes que reconhecem seus pontos fortes, suas fraquezas (ou “áreas em que deve haver crescimento”) e seu potencial. A pessoa humilde sabe que, embora viva num mundo decaído no qual “o homem natural é inimigo de Deus”, pode ceder ao influxo do Espírito Santo, despojar-se do homem natural, e tornar-se “santo pela expiação de Cristo, o Senhor”; que pode tornar-se “como uma criança, submisso, manso, humilde, paciente, cheio de amor e disposto a se submeter a tudo quanto o Senhor achar que lhe deve infligir, assim como uma criança se submete a seu pai”. (Mosiah 3:19.)

Essas qualidades são sinais de maturidade espiritual. Onde elas existirem, não há lugar para orgulho, egoísmo, hipocrisia e convencimento.

3. Perspectiva. Uma perspectiva conveniente de nosso relacionamento com Deus, com o cônjuge e com o próprio eu é vital. Quando perdemos de vista que o Senhor nos ama, resta apenas um passo para diminuir nosso cônjuge. A autodepreciação leva à autoproteção, à insensibilidade e a uma atitude geral de hostilidade.

Por outro lado, o reconhecimento humilde de que sou filho de meu Pai Celestial é um passo importante para a união com meu cônjuge. Mais ainda, parece inevitável que, se devemos aprender a reverenciar a Deus, temos também que aprender a reverenciar suas criações, especialmente aquelas cuja paternidade espiritual ele reivindica. Admirar o artista florentino Leonardo da Vinci (1492-1519) e depois difamar a *Mona Lisa* é, segundo muitos amantes da arte, inconcebível; da mesma forma, louvar a Deus e depois maltratar nosso cônjuge — um de seus filhos — é profanação.

4. Atitude de doação. Minha experiência mostrou-me que as pessoas encaram a vida e o casamento de uma de duas formas: acreditam que a felicidade vem do ato de *dar* ou do ato de *receber*.

As pessoas incluídas nesta última categoria acreditam erradamente que serão felizes à medida que seu casamento satisfizer suas necessidades. Infelizmente, na maioria dos casos, entende-se que isso

significa que, enquanto meu cônjuge estiver fazendo as coisas certas e corresponder ao meu ideal, eu serei feliz. Existe muita infelicidade quando um ou ambos seguem esse caminho de autopromoção até excluir as necessidades do outro. Essa dicotomia vitória-derrota resulta numa atmosfera sufocante de egoísmo e competição.

Os indivíduos que pensam mais em dar, no entanto, compreendem que o casamento constitui um relacionamento divinamente orientado que, quando direcionado pelo evangelho e centralizado em Cristo, pode dar-nos o único meio de atingir nosso pleno e eterno potencial. Nos casamentos bem sucedidos, nenhum dos cônjuges se preocupa excessivamente com suas próprias necessidades; ambos estão prontos a participar de um compromisso de colaboração, a fim de assegurar o que for melhor para os dois. Cada um deles toma a firme resolução de tornar-se “aquele que nutre e cuida” do casamento, ao invés de ser “aproveitador” em grande escala. Desta forma os dois se beneficiam.

Na realidade, os “aproveitadores” nem dão nem recebem, mas os “doadores” fazem as duas coisas.

5. *Desejo de trabalhar juntos.* O marido e a esposa devem ter o desejo de preservar, proteger e aperfeiçoar o casamento. Isto significa controlar qualquer força capaz de prejudicar seu relacionamento — sejam pressões exteriores, como a instabilidade econômica, ou a ruptura interna, como as diferenças de opinião. Reconhecem que o casamento não pode ser um campo de batalha, pois, a menos que estejam ambos do mesmo lado, as vitórias unilaterais levarão inevitavelmente a derrotas mútuas. De fato, podemos dizer que o “nós” é típico de um companheirismo crescente, ao passo que o “eu” marca companheirismo em deterioração.

Culpar-se mutuamente é uma saída fácil, mas uma forma bastante ineficaz de resolver os problemas. Conheço um homem que decidiu que, em momentos de tensão, quando a tendência natural era culpar a esposa por aquilo que estivesse errado, ele procurava reafirmar na própria mente a idéia de que ele, e somente ele, era responsável por seus pensamentos e ações, e que as emoções interiores, como a raiva, são o resultado do

próprio processo de pensar e não causadas pelo comportamento da esposa. Mantendo uma perspectiva tão objetiva, descobre-se que as soluções chegam mais depressa, pois não são impedidas pela reação egoísta de culpar a outra pessoa.

Outro casal adotou uma regra para seu casamento: “O que quer que você diga a seu cônjuge, transforme-o num presente.” Com isso em mente, eles se desafiaram a si mesmos a descobrir maneiras novas e imaginativas de se comunicarem. Com um pouco de esforço conseguiram descobrir novas maneiras de abordar assuntos delicados e suscetíveis, procedimentos que claramente transmitiam a mensagem: “Preocupo-me com você; preocupo-me conosco.” Juntos, declararam guerra a todos os elementos negativos e prejudiciais que poderiam afetar seu relacionamento.

6. *Serviço.* Com bastante frequência, o amor é definido apenas como um sentimento, um caloroso sentimento interior, algo indescritível, porém real. Acredito que, em grande parte, esse sentimento nasce em virtude de atos de carinho entre o marido e a esposa. Alguém salientou que é importante considerar a palavra *amor* mais como verbo do que como substantivo. Assim, quando dizemos “eu te amo”, isto reflete uma demonstração constante de atos de amor e serviço, não apenas a expressão de um sentimento. “Eu te amo” não é tão importante quanto “eu demonstro amor a você”. Talvez o Senhor tivesse isso em mente quando disse: “Se me amardes, guardareis os meus mandamentos.” (João 14:15.) Parece óbvio que sua primeira preocupação aqui não era o mero sentimento de amor, mas a sua demonstração. Não devemos fazer menos que isso no casamento.

No casamento, servir sugere compromisso com o bem-estar do cônjuge, assim como o desejo de aceitar o papel de servo. O Salvador ensinou que a verdadeira liderança depende de servir os outros. (Veja Mateus 20:26-27.) Seu dedicado discípulo Paulo, aconselhando os santos de Éfeso em relação a seu relacionamento conjugal, escolheu todos os maridos para dar ênfase especial a esse respeito. Comparando o grande sacrifício do Salvador pela Igreja e a responsabilidade patriarcal do marido em relação à esposa, diz ele: “Vós, maridos, amai vossas

mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela.” (Efésios 5:25.)

Aos maridos e também às esposas é dirigido o grande desafio de servir um ao outro, tendo o cuidado de dar o que realmente é necessário, não aquilo que julgamos sê-lo. Há pouco valor, por exemplo, no fato de um marido comprar um sofá novo para a esposa, quando o que ela realmente quer é passar algum tempo sozinha com ele, conversando. Da mesma forma, a esposa está errada, quando pensa que dar conselhos é sempre mais importante do que dar apoio.

O casal a respeito do qual falamos antes neste artigo teve que lutar muito antes de captar o conceito de servidão voluntária. Mas, à medida que eles calma e conscientemente buscavam essa meta, começaram a perceber um pouco melhor o que significa tomar sobre si o nome de Cristo. (Veja D&C 20:77.) Quem, a não ser o próprio Jesus, pode-nos demonstrar melhor a atitude de um servo? À medida que seu desejo e capacidade de servir cresciam, eles descobriram uma doçura e paz que só resultam de um interesse crescente pelas necessidades alheias. Descobriram que, de fato, começavam verdadeiramente a encontrar sua própria vida, perdendo-se no serviço mútuo. Este foi, provavelmente, o maior dom de todos: aprender que os princípios do Evangelho de Jesus Cristo não podem ter relevância maior do que quando aplicados ao próprio casamento.

O casamento é um dos melhores lugares para se aprender os princípios do evangelho e como tornar-se semelhante a Cristo. Resta alguma dúvida de que devemos aprender primeiro a aplicar esses princípios em nosso próprio lar? Todas as criações de Deus existem de acordo com os princípios eternos de ordem — e nosso casamento não é uma exceção à regra. Nosso destino depende de sermos capazes de aprender e dominar os princípios do casamento eterno, de modo que possamos estar preparados para compartilhar de tudo o que o Pai nos prometeu — até mesmo uma herança eterna e a continuação de vidas. (Veja D&C 132:19, 22.) ■

Lawrence M. Barry, terapeuta matrimonial e familiar serve como sumo conselheiro suplente na Estaca de Militares Kaiserslautern (Alemanha).

